



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIANE AMBRÓSIO COSTA

**UM DIÁLOGO IMAGINÁRIO: RICHARD MORSE E GILBERTO FREYRE
EM PERSPECTIVA COMPARADA**

JUIZ DE FORA

2013

MARIANE AMBRÓSIO COSTA

**UM DIÁLOGO IMAGINÁRIO: RICHARD MORSE E GILBERTO FREYRE
EM PERSPECTIVA COMPARADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, na área de concentração Narrativas, Imagens e Sociabilidades da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Professora Dr.^a Beatriz Helena Domingues

JUIZ DE FORA

2013

Mariane Ambrósio Costa

Um Diálogo Imaginário: Richard Morse e Gilberto Freyre em Perspectiva Comparada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, na área de concentração Narrativas, Imagens e Sociabilidades da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em 29 de novembro de 2013.

Banca Examinadora

Professora Dra. Beatriz Helena Domingues (orientadora)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor Dr. Rubem Barboza Filho (presidente)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Professor Dr. Pedro Meira Monteiro (membro externo)

Princeton University

Dedico este trabalho a minha avó, Terezinha. O ser mais iluminado que conheço.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação encerra um ciclo iniciado em março de 2007, quando entrei no curso de História da Universidade Federal de Juiz de Fora, e todas as possibilidades, inclusive a de cursar o mestrado na instituição, foram a mim oferecidas e aceitas.

Gostaria de agradecer ao Departamento de História, da Graduação e da Pós-Graduação, sempre solícito e disposto a compartilhar conhecimentos e saberes. Destaco a participação mais que especial da Prof. Ludmilla Savry Almeida, que, além de professora e chefe, sempre foi uma amiga presente e participativa.

Agradeço aos funcionários do Programa de Pós Graduação em História, assim como a Chefe de Departamento, Carla Almeida, pela precisão na resolução de problemas.

Aos membros que compõe esta banca de defesa, o Prof. Doutor Pedro Meira Monteiro e o Prof. Doutor Rubem Barboza Filho, obrigada pela presença e disponibilidade. Seus conhecimentos enriquecerão de forma substancial o trabalho a seguir. Assim como agradeço ao Prof. Doutor Alexandre Mansur Barata e a Prof. Doutora Helena Maria Bomeny, pelo comparecimento na banca de exame de Qualificação desta pesquisa, com orientações que tornaram este trabalho mais atrativo.

À aqueles sempre presentes, meus pais Vera e Robson, minhas tias, avó e irmãos, meu agradecimento pela compreensão, e por sempre acreditarem em minha capacidade de superar os obstáculos e desafios da vida. Mais do que minha, esta vitória é de vocês.

A minha querida e dedicada professora e orientadora Beatriz Helena Domingues, pela competência, pelas palavras de carinho, pelos puxões de orelha e pelos abraços sinceros. Sem sua participação, nada disso seria possível. Você é fundamental em minha vida em todos os aspectos, e desde 2009 eu soube que, ao aceitar a bolsa de Iniciação Científica, eu estava ganhando mais do que uma simples professora supercapacitada. Ganhava uma amiga.

À aqueles que, sem os quais, eu não teria tido forças para alcançar metade das coisas que eu tenho em minha vida. Myriani e Flávia, obrigada pela compreensão dos (muitos) momentos de ausência nestes últimos anos. Thalita e Maiara, obrigada pela presença e por sempre se importarem com essa dissertação, mesmo não tendo ideia do que ela se tratava. Bárbara e Maristér, rodeando essa loucura que é a vida acadêmica, obrigada por serem tão presentes mesmo que distantes. Vocês são fundamentais. Julia e Bruna, minhas bonecas amadas, obrigada por se tornarem meu porto seguro nos últimos dois anos. Sem vocês, nada teria dado certo. Meus agradecimentos especiais a aqueles que comigo compartilharam desta caminhada cheia de dificuldades, mas recheada de momentos alegres e felizes. Daniel Eveling, Pedro, Amanda e, em especial, Daiana. Só vocês tem a real dimensão do período que antecedeu a defesa desta dissertação, que acompanharam e viveram comigo cada momento de desespero e a felicidade de cada nova página escrita, lendo e relendo, quantas vezes fossem necessárias, as páginas a seguir. Vocês foram e são os melhores co-orientadores que eu pude ter. Cada risada com vocês é especial. Vocês fizeram esta caminhada mais doce, principalmente você, Dadá. Com seu jeito carinhoso e agregador, foi aquela que mais me apoiou, deu suporte, força e abraços durante todo este período. Meus infinitos agradecimentos a vocês por cada momento.

Agradeço a CAPES/UFJF pela bolsa de estudos concedida em parte deste curso, suporte fundamental para a conclusão do mesmo.

“O saber deve ser como um rio, cujas águas doces, grossas, copiosas, transbordem do indivíduo, e se espriem, estancando a sede dos outros. Sem um fim social, o saber será a maior das futilidades.”

Gilberto Freyre

RESUMO

A presente dissertação estabelece um diálogo entre as ideias do historiador norte-americano Richard Morse (1922-2001) e do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (1900-1987), analisando a influência recebida por Morse do pensador pernambucano em sua formação acadêmica, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Utiliza como fontes principais textos acadêmicos publicados por Morse enquanto estudante de pós-graduação e textos de Freyre publicados no Brasil e nos Estados Unidos. Para tal, o contexto das produções também é mostrado como forma de, localizar temporal e espacialmente suas interpretações. Considerando as propostas metodológicas da História Comparada – que consistem em examinar sistematicamente duas realidades (no caso deste trabalho, duas formas de pensar), assinalando não apenas as semelhanças, mas também, as diferenças de pensamento – o trabalho analisa de que forma o norte-americano se apropriou de ideias difundidas pelo brasileiro, e as apropriou em seus escritos de juventude utilizando-se de temáticas e métodos semelhantes.

Palavras Chave: Richard Morse, Gilberto Freyre, História Comparada.

ABSTRACT

This essay establishes a dialogue between the ideas of the north American historian Richard Morse (1922-2001) and the Brazilian sociologist Gilberto Freyre (1900 – 1987), analyzing the influence received by Morse from the Brazilian scholar in his academic studies, both in the United States and Brazil. Used as primary sources for scholarly text published Morse while graduate student, texts that Freyre published in Brazil and in the United States. For this , the context of production is also shown as a way to locate temporally and spatially their interpretations. Considering the methodological proposals of Comparative History - consisting of systematically examine two realities (in the case of this work , two ways of thinking) , indicating not only the similarities but also the differences of thought - the work examines how the north American appropriated ideas spread by the Brazilian , and appropriated in his early writings using thematic and similar methods .

Key-Words: Richard Morse, Gilberto Freyre, Comparative History.

SUMÁRIO

1 – Introdução.....	12
2 – Biografias e trajetórias acadêmicas de Freyre e Morse.....	17
2.1 – O jovem Gilberto Freyre descobrindo o Brasil nos Estados Unidos.....	18
2.2 – O jovem Richard Morse e o Brasil.....	24
2.3 – O admirador pelo olho do admirado: as impressões de Morse sobre Freyre.....	33
3 – O negro e as cidades brasileiras do século XIX nos escritos de juventude.....	40
3.1 – O negro e a sociedade nos escritos de juventude de Freyre e Morse: germinação de ideias e estabelecimento de pontos de vista.....	43
3.2 – Escravidão e sociedade em <i>Casa Grande & Senzala</i> e <i>Formação Histórica de São Paulo</i> : desenvolvimento de ideias.....	50
4 - Os movimentos culturais brasileiros para Freyre e Morse.....	63
4.1 – O romantismo como embrião do moderno pensamento brasileiro.....	64
4.2 – O modernismo e a tentativa de criação de uma identidade brasileira.....	71
Conclusão.....	81
Fontes.....	86
Referências Bibliográficas.....	88

1. Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar de forma comparada os escritos da juventude do historiador norte-americano Richard Morse (1922- 2001) com base na influência recebida por ele do brasileiro Gilberto Freyre (1900 – 1987). As bases teóricas que o guiam são uma espécie de fusão entre duas correntes historiográficas: o comparativismo histórico e a história intelectual.¹

Os caminhos que me levaram à temática desta presente dissertação começaram a se delinear no ano de 2009, quando do início do programa de Iniciação Científica com a professora Beatriz Domingues. As reuniões do recém-formado Grupo de Estudos Ibéricos se tornaram mais do que uma obrigação de bolsista, um momento de contato com textos até então desconhecidos, e que começaram a trazer luz aquela estudante de graduação que, já no quinto período, ainda não tinha decidido qual caminho seguir. O fazer historiográfico está em constante mudança, o que faz, de forma positiva, com que os vários campos da História tenham seu espaço e seus adeptos. Uma ampla gama de possibilidades faz com que a disciplina continue sempre se renovando e abrindo espaço para o desenvolvimento de pesquisas, que trazem, de forma cíclica, a renovação das fontes e dos métodos.

Dentre tantas leituras, o contato com o livro *O Espelho de Próspero*, do autor então por mim desconhecido, Richard Morse, foi o que causou maior impacto em minha vida acadêmica. Não que a primeira experiência tenha sido positiva, pelo contrário. A

¹ A História Comparada e a História Intelectual são duas correntes historiográficas que começaram a ser repensadas a partir da década de 1960. Buscando iluminar um assunto a fim de se compreender outro, o comparativismo histórico pode ser utilizado em vários campos da pesquisa histórica, assim como no caso desta dissertação, onde o mesmo é utilizado de forma a se compreender dois autores que possuem semelhanças, diferenças e complementaridades tanto de temáticas, quanto de métodos. Aliada aos pressupostos da História Intelectual, que propõe a interpretação de textos históricos e a relação entre texto, autor e contexto, constitui, assim, as bases teóricas desta dissertação. Para maiores informações a respeito das metodologias, ver: BARROS, José Assumpção. *História Comparada: da concepção de Marc Bloch a construção de um moderno campo historiográfico*. Revista de História Social. Campinas, 2007; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; THEML, Neyde. *História Comparada: Olhares Plurais*. Revista de História Comparada. Volume 1, número 1, jun./2007; BLOCH, Marc. “Pour une histoire comparée des sociétés européennes”. *Revue de Synthèse Historique*. 6:15-50, 1928; ALTAMIRANO, Carlos. Ideias para um programa de História Intelectual. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 19, n. 1. 2007; DARTON, Robert. História Intelectual e Cultural. In: *O Beijo de Lamourette – Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 112; CARVALHO, José Murilo. *História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura*. Topoi, Rio de Janeiro, nº 1, 1998; PALTI, Jose Elias. *Giro Linguístico e História Intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1986.

erudição, o método, argumento e as fontes usadas por Morse chegam a ser assustadoras inicialmente. E esta sensação perdurou em leituras posteriores, até que houvesse por mim uma maior capacidade de assimilação desse autor brasilianista, do seu contexto de produção e de suas escolhas teóricas. O interesse foi se desenvolvendo a partir do momento em que grande parte daquilo do que fora dito por este norte-americano começou a fazer um grande sentido para uma latino-americana que ainda buscava respostas para vários questionamentos acerca da história de seu continente, por mais complexas que fossem suas ideias e palavras.

No mesmo ano, tive também contato com a tríade do ensaísmo brasileiro, iniciada na década de 1930. Caio Prado Junior e seu cunho marxista que a meus olhos nunca foram muito caros; Sérgio Buarque de Holanda e uma sociologia que, de tão intensa, por vezes servia como um divã da sociedade brasileira; e Gilberto Freyre, com a ousadia de sua história íntima, traçando as origens da família brasileira sob o regime patriarcal. A escrita narrativa, riquíssima em detalhes, um amolengado que salta das páginas e contamina o leitor, foram sensações imediatas que brotaram das primeiras leituras de *Casa Grande & Senzala*.

Desta forma, os estudos sobre a sociedade latino-americana, em especial a brasileira, foram se tornando o meu maior interesse. A ideia de uma nem tão improvável comparação começou a se desenvolver com a leitura em separado de ambos, e ganhou mais força com a publicação, em 2010, do livro *O Código Morse – Ensaio sobre Richard Morse*², onde Beatriz H. Domingues e Peter L. Blasenheim reúnem diversos ensaios de pensadores e historiadores que conviveram com Morse, além daqueles que utilizam de alguma forma suas considerações para desenvolver seus trabalhos. Os trabalhos de Beatriz Domingues, “Próspero devorando Caliban”, no qual a autora traça uma relação entre Morse e o modernismo brasileiro, e de Pedro Meira Monteiro, “As Raízes do Brasil no Espelho de Próspero”, que coloca em relevo a presença de ideias da obra de Sérgio no livro mais famoso do historiador norte-americano, foram o estopim necessário para que eu aceitasse me aventurar nesse caminho também.

A história de Morse é salutar para entendermos sua relação com a América Latina. Nascido em New Jersey em uma família de classe média, sempre teve noção de

² BLASEINHEIM, Peter L; DOMINGUES, Beatriz H. *O Código Morse – Ensaio sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

que o mundo era muito maior do que a cidadezinha em que confortavelmente vivia.³ Já jovem e estudante de Princeton, fez sua primeira incursão no mundo latino ao visitar Cuba, e lá viver por dois meses com uma família cubana, tendo certeza de que “não havia lição na universidade, livros ou cursos que valessem aquela imersão cultural”.⁴ Momento crucial para o que o historiador decidisse fazer da América Latina seu objeto de estudos. Após se decidir por Columbia e pela orientação de Frank Tannenbaum, Morse decide fazer do Brasil seu tema de estudo do curso de doutorado. É neste momento em que cofirma ter tido contato com obras fundamentais para se compreender a cultura brasileira, como *Os Sertões* e *Casa Grande & Senzala*.⁵ Esta informação foi crucial para que a hipótese central desta dissertação se confirmasse: a influência de Gilberto Freyre sempre esteve presente na vida intelectual do norte-americano.

Com base nesta hipótese, elenco aqui duas prerrogativas que foram fundamentais para a escrita a respeito deste assunto: 1) Os objetos da análise comparativa foram analisados com base em assuntos ou propostas comuns: ao elencarmos temáticas a ser exploradas na análise dos dois objetos escolhidos, estabelecemos balizas que foram úteis, principalmente, na sistematização desta dissertação. Levando em conta o volume de produção, a escolha temática foi fundamental para que a análise não se perdesse em excesso de material. Neste caso, me utilizei da autonomia do historiador de escolher temáticas, elencar períodos e contextos nos quais estarão inseridos os autores e as obras que serão analisados. 2) Os objetos da análise comparativa tem, por via de regra, alguma forma de correlação: uma vez que deveríamos fugir da ideia de que tudo pode ser comparado, os objetos comparados devem, por via de regra, ter algum tipo de relação, para que possam ser identificados, além das semelhanças e diferenças, pontos de complementaridade, e até mesmo, se possível, conseguirmos localizar em quais pontos um objeto pode ser iluminado pelo outro. Por isso, propõe-se a análise de dois autores que tenham convivido em determinados ambientes semelhantes, ou até mesmo onde haja uma admiração pública de um em relação ao outro, fato este que se confirma neste estudo.

Já em sua maturidade, Morse afirmaria seu apreço pelas análises culturalistas de Freyre diversas vezes, como será abordado nesta dissertação. Porém, me interessou tentar perceber como esta influência e apreço se demonstrou em alguns escritos da

³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia Brazilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990. p. 139.

⁴ Idem, p. 141.

⁵ Idem, p. 150.

juventude de Morse, enquanto um estudante norte-americano imerso em terras brasileiras, tendo contato com a cultura que ele havia lido a respeito, com a possibilidade de conhecer pessoalmente intelectuais que havia lido em sua formação.

Assumi, portanto, a posição de me debruçar sobre o estudo de textos produzidos durante o que chamo de “juventude” de Morse: *The Negro in São Paulo e São Paulo Since Independence: a cultural interpretation*. A escolha do primeiro se deu a partir de um fato interessante, a opção de Morse de analisar a situação do negro brasileiro, especialmente o paulista, na construção da sociedade. Este tema, tão presente nos escritos de Freyre desde sua dissertação de mestrado (publicada inicialmente nos Estados Unidos, em 1922), não foi posteriormente explorado por Morse em seus livros mais conhecidos, o que ajuda a confirmar a possível influência recebida do brasileiro nesta fase de formação acadêmica.

Já o segundo texto é uma espécie de embrião das ideias que seriam exploradas em sua tese de doutoramento, porém, com um enfoque totalmente voltado para a importância cultural na formação da sociedade paulista. Ao analisar a posição de protagonistas que Românticos e Modernistas tiveram na formação da identidade da cidade, Morse se aproxima de posições freyreanas de valorizar aqueles que, através de seus escritos, buscaram criar uma identidade nacional, por mais que as análises de Freyre, em sua maioria, se dediquem a pensadores de sua região natal, o Nordeste. Tais textos foram publicados em revistas acadêmicas, logo após a estadia do jovem estudante norte-americano no Brasil em 1947, para a execução de sua pesquisa de doutoramento, esta que se tornaria, alguns anos depois, o livro *Formação Histórica de São Paulo*.

Sendo o objetivo principal desta dissertação dar ênfase a textos pouco conhecidos de Morse, que em sua maturidade se tornaria conhecido e polêmico no Brasil, afim de encontrar influências de um brasileiro igualmente polêmico e com grande produção, busquei utilizar-me de textos de Freyre que conversassem com as temáticas utilizadas por Morse nestes textos. De forma que, dentre sua vasta produção, foram selecionados apenas aqueles necessários para confirmar a hipótese aqui trabalhada.

Desta forma, o trabalho que se segue se organiza em três partes, que buscam traçar uma visão geral acerca da influência de Freyre no jovem Morse. No primeiro capítulo, é traçada uma breve biografia de ambos, com ênfase na formação acadêmica e intelectual de cada um, além de fazer um apanhado de momentos em que Morse, enquanto admirador do trabalho e da pessoa de Freyre, escreveu sobre temáticas que o

agradava na escrita e métodos do brasileiro. A importância deste capítulo está em traçar os contextos da produção de ambos e os caminhos acadêmicos percorridos por cada um, que considero fator significativo para compreendermos as escolhas historiográficas de cada um. No capítulo dois, o desenvolvimento da sociedade brasileira ao longo do século XIX é o grande foco. O desenvolvimento das cidades, a história íntima do brasileiro, as fazendas, os imigrantes e o sistema político são alguns dos assuntos trabalhados por Freyre e que encontram correspondência no já citado *The Negro in São Paulo*. Finalizando, o capítulo três se propõe a analisar a forma em que ambos trataram da importância de escritores, tanto paulistas quanto nordestinos, na construção de uma identidade local, no caso do Romantismo, e nacional, no caso do Modernismo.

O presente texto traça um levantamento de métodos e temáticas freyreanas absorvidas, digeridas e reconstituídas pelo jovem Morse. Assim como os mencionados trabalhos de Domingues e Monteiro já se dedicaram a traçar a influência de outros brasileiros na obra do norte-americano, esta dissertação inclui mais um: Gilberto Freyre.

2. Biografias e Trajetórias acadêmicas de Freyre e de Morse: pontos de contato.

“Qui pourrais-je imiter pour être original?”

Me decía yo. Pues a todos. A cada cual le aprendía lo que me agradaba, lo que cuadraba a mi sed de novedad y a mi delirio de arte; los elementos que constituirían después un medio de manifestación individual. Y el caso es que resulté original (Darío 1938: 121).”

Richard Morse e Gilberto Freyre são autores comparáveis. Antropofágicos, híbridos, destinaram suas vidas a pensar a sociedade brasileira, cada um a sua maneira, mas com objetivos bastante parecidos. A admiração que o norte americano nutria por autores latinos não é um segredo, pelo contrário. E alguns estudos já foram dedicados a pensar tal admiração, e por que não falar, a influência de alguns destes autores em sua formação, dentre os quais podem ser destacados os de Pedro Meira Monteiro e de Beatriz Helena Domingues, por tratarem, respectivamente, da influencia de Sérgio Buarque de Holanda e de Oswald de Andrade nos escritos de Morse.⁶ Daí uma resposta plausível que subsidie a análise que se inicia agora, analisando os primeiros livros publicados, tanto do norte americano, quanto do brasileiro.

O ambiente político e historiográfico compreendido dos anos 1930 a 1960 formam o pano de fundo crucial para o entendimento das obras aqui analisadas (em sua maioria, artigos acadêmicos publicados durante o período em que Morse era um estudante de pós graduação) e da compreensão das escolhas teóricas e metodológicas feitas pelo autores, assim como são cruciais para que possamos chegar ao principal objetivo desta pesquisa: enxergar a influência de Gilberto Freyre nos escritos de juventude de Richard Morse, analisando os diversos pequenos artigos que foram por ele publicados ainda em seu período de formação acadêmica, culminando em seu primeiro livro, *Formação Histórica da cidade de São Paulo*. Livro este que teve a intenção de ser

⁶ MONTEIRO, P. M. As Raízes do Brasil no Espelho de Próspero. *Novos Estudos*. CEBRAP, v. 83, p. 159-182, 2009; DOMINGUES, B. H. Próspero devorando Caliban: Richard Morse e o Modernismo brasileiro . In: DOMINGUES, Beatriz Helena; BLASENHEIM, Peter. (Org.). *O Código Morse - Ensaio sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 77-98.

um contraponto urbano a *Casa Grande e Senzala*.⁷ Veremos a partir de agora, alguns aspectos biográficos que são fundamentais para o entendimento da formação dos autores e dos contextos que propiciaram os primeiros *insights* de ambos.

2.1 O jovem Gilberto Freyre descobrindo o Brasil nos Estados Unidos

A vocação de Gilberto para as letras nunca foi um espanto para a família, nem para aqueles que o acompanharam desde seus primeiros anos. Fluente em inglês, francês e latim aos 14 anos, não é de se estranhar que, aos 16, já fizesse conferências pelo nordeste do Brasil.⁸

Sua incursão pela América do Norte se inicia em 1918, quando ingressa na Baylor University. Lá conclui seu curso de Bacharelado em Artes, e essa incursão pelo ambiente norte-americano foi crucial para que ele conseguisse enxergar o já citado “American Way of Life” com as ressalvas de quem tinha um olhar estrangeiro. Essas impressões já podiam ser vistas nos artigos que escreveu durante todo este tempo para o jornal Diário de Pernambuco, veículo também utilizado para que o jovem compartilhasse outras impressões, como por exemplo, a organização das high schools, as mudanças de estações do hemisfério norte, entre diversos outros assuntos.⁹

Este período em que esteve nos Estados Unidos marca um momento particular na relação deste país com o Brasil, política e culturalmente. A difusão do “American Way of Life no Brasil, usava não só uma influência política, mas, e principalmente, ideológica. Esse fenômeno Antônio Pedro Tota chama de *americanismo*¹⁰, destacando os principais elementos da ideologia norte-americana que foram difundidos no Brasil. Propagar tais ideias na sociedade brasileira era uma forma de mostrar o quão interessante seria tal aproximação, o quanto o país tendia a crescer e se desenvolver rumo ao nível de desenvolvimento que os Estados Unidos estavam. Vender a ideia de

⁷ Esta é uma declaração do próprio Morse, que afirmou ter tido esta intenção ao escrever sua tese de doutorado. Pode ser encontrada em: ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. *A Vocação do Prazer*. Rio e Janeiro: Editora Rocco, 1995.p.16.

⁸FONSECA, Edson Nery. Viagem em torno de Gilberto Freyre. Disponível em: bvfg.fgf.org.br/português/vida/biografia. Acesso em: 17/12/2012.

⁹ O acervo que contém toda a correspondência de Freyre encontra-se na Fundação Gilberto Freyre, localizada na cidade de Recife, e também com acesso disponível pelo site: <http://www.fgf.org.br/>.

¹⁰ Idem, p. 19.

uma nação que nasceu em meio à ideia de liberdade, de direitos individuais e de democracia estendida a todo o povo; do tradicionalismo, que pregava a vida no campo, saudável, da relação com a natureza, da cidade pequena, tudo isso aliado ao desenvolvimento dos meios de comunicação, da fotografia e, principalmente, tendo o cinema como aliado principal na divulgação desta forma de vida, ajudava na formatação dessa “sociedade perfeita” na qual supostamente deveríamos nos espelhar. Porém, ainda de acordo com Tota, nenhum aspecto do americanismo foi mais adequado para sua difusão na Ibero-América do que o progressivismo. Associado ao racionalismo, estava a ideia de um mundo de abundância, aliado à capacidade criativa do homem norte-americano, fazendo brotar uma nova forma de prazer: o prazer do consumo, prazer que derivaria apenas do empenho de cada um em trabalhar, produzir, ganhar dinheiro e consumir.

Neste contexto, muitos foram os convites formulados a intelectuais, grande parte deles brasileiros, para visitarem as universidades norte-americanas e nelas palestrarem sobre seus respectivos países.¹¹ Com a ajuda do financiamento de agências de fomento, de programas de pós graduação, começam a surgir os estudantes que vinham para o Brasil fazer estudos de campo e análise documental. Desta forma, a presença de Gilberto na comunidade intelectual norte-americana foi extremamente profícua. e a relação com o antropólogo Franz Boas é parte fundamental neste processo. Não apenas como uma ponte que auxiliaria em sua inserção ao mundo intelectual, mas, principalmente, como um mestre que o ensinou aquela que seria uma de suas principais temáticas: a diferença entre raça e cultura.

Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre *raça* e *cultura*; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio.¹²

¹¹ ALMEIDA, Paulo Roberto de. Tendências e perspectivas dos estudos brasileiros nos Estados Unidos. In: BARBOSA, Rubens Antônio (Org.). *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos – 1945 a 2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 38.

¹² FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.p. 32.

No ano de 1922, Gilberto defende sua dissertação de mestrado, intitulada *Social Life in Brazil in the middle of the 19th Century*¹³, que obteve aceitação imediata no círculo intelectual norte americano. Uma versão reduzida deste estudo, contendo suas ideias principais, foi imediatamente publicada na já conceituada *Hispanic American Historical Review*¹⁴, no mesmo ano.

Antes de retornar ao Brasil, Gilberto faz uma viagem à Europa, e relata em seu diário¹⁵ ter ficado especialmente encantado com Paris e Oxford¹⁶, por ter sido nestes lugares onde teve maior contato com grupos de vanguarda literária e artística, um contato com o que havia de mais novo no pensamento europeu. Também foi neste período que os problemas relacionados à realidade brasileira ganham contorno cada vez mais definido em seu pensamento. Durante essa viagem para a Europa e o contato com novas ideias ele chegou à conclusão de que havia chegado o momento de produzir um conhecimento novo: “era como se dependesse de mim e dos da minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares”¹⁷, afirmou.

Ao retornar ao Brasil com a cabeça cheia de ideias, o jovem Freyre se depara com uma cidade do Recife modificada, que havia se tornado um retrato do Brasil pós-guerra. Políticas higienistas e de organização urbanística tomaram a cidade, modificando-a, e fazendo dela uma representação do próprio Gilberto, que também havia se modificado, após as experiências e aprendizados obtidos em seu período fora do Brasil.

Desde a segunda metade do século XIX a cidade do Recife era desenhada em forma tentacular, com o objetivo de interligar os bairros mais populosos e urbanizados

¹³ FREYRE, Gilberto. *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*. New York: Ed. Autor, 1922. Apenas no ano de 1964 a tese foi publicada no Brasil, traduzida para o português pelo médico pernambucano Waldemar Valente: FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Traduzido por Waldemar Valente. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964.

¹⁴ Fundada por um grupo de historiadores dedicados ao estudo da história da América Latina, em 1916, a *Hispanic American Historical Review* nasceu no contexto do encontro da *American Historical Association*, e foi publicada efetivamente pela primeira vez em 1918. Em pouco tempo, se tornou uma das mais conceituadas publicações de assuntos relacionados à parte central e sul do continente americano. Informação disponível em: ALMEIDA, Paulo Roberto de. Tendências e perspectivas dos estudos brasileiros nos Estados Unidos. In: BARBOSA, Rubens Antônio (Org.). *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos – 1945 a 2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 34.

¹⁵ Durante os anos de 1915 e 1930 Gilberto cultivou um diário com crônicas e observações de viagens, publicado no ano de 1975 com o título de *Tempo Morto e outros Tempos*, pela editora José Olympio.

¹⁶ Freyre era um amante da Inglaterra, sendo, inclusive, inspirado pelo inglês Walter Pater a adotar um estilo de escrita ensaístico. Para essa e outras informações da relação entre Freyre e a Inglaterra, ver: PALLARES-BURKE. Maria Lúcia Garcia. Gilberto Freyre e a Inglaterra: uma história de amor. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 9(2): 13-38, 1997.

¹⁷ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*, p. 31.

da cidade às povoações suburbanas e aos engenhos na área rural, circundados pelo rio Capibaribe.¹⁸ Essa era a cidade na qual Gilberto havia nascido e sido criado, na qual estava acostumado a viver. Porém, quando retorna, no início da década de 1920, encontra diversas mudanças. Não apenas uma grande quantidade de automóveis e diversas fitas com filmes hollywoodianos, mas também a perda dos limites dos bairros, que agora estavam interligados, compondo uma estrutura de quadras, ruas e novas edificações, dentre elas vários arranha-céus. A cidade agora, assim como seus habitantes, estava aprendendo a conviver com o moderno, que, se por um lado produzia fascínio e encanto, por outro fazia brotar a sensação de perda e estranhamento na maioria de seus habitantes, principalmente aqueles mais ligados à tradição.

Seria essa mesma ambiguidade encontrada na cidade que seria encontrada no jovem Gilberto, recém chegado da Europa no ano de 1923. Em um excelente artigo publicado pela revista *Ciência & Trópico*, organizada pela Fundação Joaquim Nabuco, na cidade do Recife, no ano de 1980¹⁹, Álvaro Lins destaca, através da análise dos artigos que Freyre escrevia para os jornais *Correio da Manhã* e *Diário de Pernambuco* entre 1923 e 1925²⁰, o efeito pedagógico que Gilberto exercia sobre a sociedade, já buscando criar uma cultura de valorização dos costumes e tradições brasileiras: “O Sr. Gilberto Freyre procurava ensinar os brasileiros a vestir, a comer, a ler: a construir as suas casas e os seus jardins, a viver, afinal, dentro das condições de seu clima e das suas cidades.”²¹ Obviamente que essa posição poderia causar certo desconforto na intelectualidade recifense. Como continua Lins,

Era natural que há vinte anos esta figura se tornasse inaceitável para os conservadores e burgueses, para os literatos acadêmicos, para os políticos verbosos e vazios. Não eram só as suas roupas americanas, o seu chapéu coco, os seus hábitos anticonvencionais de vida que escandalizavam os homens pacatos e estabilizados. Eram também as suas ideias, o seu estilo, a sua linguagem. Os acadêmicos e os intelectuais da velha guarda pressentiam que através daquele jovem de vinte e poucos anos vinha qualquer coisa de original e de revolucionário que os ultrapassaria para sempre.²²

¹⁸ PONTUAL, Virgínia. *Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.21, n° 42, p. 423.

¹⁹ LINS, Álvaro. *Crítica a Região e Tradição*. *Ciência & Trópico*. Recife, 8(1): 29-40, jan/jun, 1980. Este número da revista é especialmente dedicado à retomada da análise da obra de Freyre, que ocorreu na década de 1980.

²⁰ Esses artigos, juntamente com outros escritos para jornais de Pernambuco, foram reunidos e publicados no livro *Região e Tradição*, publicado no ano de 1941 pela editora José Olympio.

²¹ LINS, Álvaro. *Crítica a Região e Tradição*. *Ciência & Trópico*. Recife, 8(1): 29-40, jan/jun, 1980.

²² Idem.

Mas o que se viu foi uma reação contrária. Percebendo a contradição que repousava sobre aquele jovem, que mesmo tendo passado parte de sua juventude e formação acadêmica nos Estados Unidos e Europa, havia dedicado plenamente seu tempo a pensar nas questões brasileiras, convergindo todo o conhecimento de nações estrangeiras que conheceu em pensamentos sobre a sua própria terra. No prefácio do próprio livro *Região e Tradição*, Freyre deixa claro que eram mesmo dúbios seus interesses intelectuais quando de seu retorno ao Recife, em 1923. Falando de si mesmo:

[...] É que taes assumptos estiveram sempre entre as preocupações do autor, attrahido, desde a meninice, para a aventura intellectual, para a experimentação artistica, para a innovação literaria e, ao mesmo tempo, para os encantos da rotina, da tradição e da continuação - nos limites do possível - das coisas familiares, quotidianas e de província.²³

Essa capacidade de articulação entre novidades e tradição fez com que Gilberto se considerasse um moderno. Após escrever *O Livro do Nordeste*, em 1925, como parte das comemorações do centenário do jornal *Diário de Pernambuco*, pode-se notar as inclinações para a organização do I Congresso Regionalista do Nordeste, que viria a acontecer em 1926. Na abertura do mesmo, Gilberto discursa com fervor sobre sua visão acerca dos novos caminhos tomados pela política nacional, e daria origem, posteriormente, ao hoje conhecido como *Manifesto Regionalista*, assunto este que veremos adiante neste trabalho.

Com a revolução de 1930, seu então amigo e governador de Pernambuco Estácio Albuquerque Coimbra se exila em Lisboa, e Gilberto o acompanha por solidariedade. Esta estadia na Europa, assim como as viagens que fez para a Bahia e para Senegal, foi de crucial importância para que ele recolhesse fontes e informações para dar prosseguimento a seu plano de escrever uma interpretação do Brasil e, ao voltar ao Recife em 1932, preparar a conclusão daquela que seria sua obra principal, *Casa Grande & Senzala*.

O nascimento desta obra teve seu lugar muito específico, não apenas na história da vida de Freyre, mas, e principalmente, pelo contexto no qual estava inserido na historiografia brasileira do início da década de 1930. A marca principal que destacou a

²³ FREYRE, Gilberto. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1941.

obra foi seu ineditismo no que diz respeito a abordagem da história cultural do Brasil, amparado em uma escrita com teor otimista, voltado para a valorização de nossos antecedentes, e vendo a mestiçagem de nossa sociedade como algo positivo.

É importante ressaltar que a questão da cultura não foi “inventada” em *Casa Grande & Senzala*. Como afirma Laura de Melo e Souza, Capistrano de Abreu, em seus *Capítulos de História Colonial* (1907) já mostrava uma estrutura de análise da sociedade brasileira bastante original, buscando ver a formação de nossa sociedade pelo viés do impacto da cultura material, influenciada igualmente pela pluralidade étnica dos habitantes, onde o meio específico e adverso se tornou um elemento diferenciador ao conferir identidade aos agentes sociais que aqui se desenvolveram.²⁴

Porém, é a partir de *Casa Grande & Senzala* que se percebe o primeiro esforço significativo de sistematização da cultura como base fundamental de análise de nossa sociedade. É através de uma inovação documental, dando luz a fontes antes pouco exploradas, como anúncios de jornais, diários, correspondências familiares, livros de receitas, cantigas de roda, entre outras. Como afirma Ronaldo Vainfas,

Mas o livro de Gilberto Freyre propôs-se, antes de tudo, a repensar a formação histórica do Brasil em perspectiva a mais ampla possível, nela enxergando a família patriarcal e a escravidão como elementos formadores. A casa-grande, metáfora do Brasil, é o cenário onde se opera a miscigenação a um só tempo racial e cultural, por ele positivada, numa convergência de contributos que não elimina, porém, as hierarquias e violências da escravidão – ao contrário do que deste livro diriam os críticos nas décadas de 1960-1970.²⁵

Inaugurando uma década profícua para o pensamento brasileiro, Freyre não apenas inovou no uso de fontes, mas também na forma de escrita, optando pelo o ensaísmo, um gênero comum na época, para defender suas ideias, baseadas, principalmente, na diferenciação entre raça e cultura, onde a primeira deixaria de ser categoria explicativa aos males de nossa sociedade, papel esse, agora, atribuído à segunda. Valorizando as contribuições de negros, portugueses e índios, mesmo que em menor escala, Freyre contribui em duas frentes. Ao mesmo tempo em que trás uma perspectiva diferente daquela racista que se encontrava em parte da produção intelectual brasileira, constrói

²⁴ SOUZA, Laura de Melo e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil Colônia. In: FREITAS, Marco Cezar (org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 18.

²⁵ VAINFAS, Ronaldo. História Cultural e Historiografia Brasileira. In: *História: Questões e Debates*. Curitiba, n. 50, p. 217-235, jan-jun 2009. Editora UFPR. p. 224.

outra visão da identidade nacional, que valorizava a articulação de tradições híbridas e singulares que tem acontecido no Brasil. Desta forma, *Casa Grande & Senzala* fornece a possibilidade para o Brasil superar o seu caráter inacabado, fornecendo-lhe um passado minimamente aceitável. Concluo este tópico com a contribuição de Ricardo Benzaquén de Araújo:

Reconhecendo o valor dos negros e dos índios, a reflexão desenvolvida por Gilberto parecia lançar, finalmente, as bases de uma verdadeira identidade coletiva, capaz de estimular a criação de um inédito sentimento de comunidade pela explicitação de laços, até então insuspeitos, entre os diferentes grupos que compunham a nação²⁶.

2.2 - O jovem Richard Morse e o Brasil

Pouco mais de uma década depois da publicação de *Casa Grande & Senzala*, traduzido em várias partes do mundo, e Gilberto já reconhecido como o autor da até então maior obra de interpretação da sociedade brasileira, chega ao Brasil um jovem norte-americano que imediatamente se sentiu atraído pela cidade de São Paulo e resolveu fazer da mesma seu objeto de estudos. Era um momento especial para as relações entre os Estados Unidos e o Brasil, que se tornou bastante atrativo não apenas para o turismo, mas também pela facilidade encontrada em se conseguir bolsas de estudos.²⁷

A presença de estudantes e professores da parte sul da América também foi notada de forma bastante profícua. A partir da década de 1930, os estudos latino-americanos foram ganhando força nas universidades dos EUA, tendo o Brasil ainda

²⁶ ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de. *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Ed. 34, 1994. p. 28.

²⁷ A presença de estrangeiros que vem ou se interessam pelo Brasil, sua história e cultura, sempre foi presente desde os tempos de colonização. Exemplos como o de Pero de Magalhães Gândavo, que narra as características locais do Brasil, tão diferentes das então conhecidas na Europa, propondo já no século XVI que a história fosse vista como “perpetuadora da memória”²⁷; ou ainda do alemão Karl Friedrich Phillip von Martius, único estrangeiro e grande vencedor do concurso promovido pelo IHGB com a intenção de responder à questão “como deve ser escrita a História do Brasil?”, servem para nos mostrar que desde sempre o olhar externo foi de extrema importância para a escrita da história do Brasil. Parece-nos claro e até certo ponto óbvio que o interesse europeu por assuntos brasileiros sempre foi maior do que em outras partes do mundo, e de fato, grande parte dos pesquisadores vindos pra cá até o século XVIII eram vindos do velho continente, interessados principalmente em fauna, flora, rios, mas também história, literatura e as relações sociais por aqui estabelecidas.

pouca relevância nas temáticas de estudos, muito em função da proximidade do país (daí o conseqüente maior interesse) com o México, e a dificuldade com o português, língua que quase não era ensinada. É neste contexto, como vimos anteriormente, que Gilberto retorna ao país, agora já como professor e palestrante.

A partir desta década, a relação cultural e intelectual entre Brasil e Estados Unidos se tornou cada vez mais profícua, uma vez que havia uma necessidade do governo norte americano de se atrair a boa vontade dos governos vizinhos na causa anti nazi-fascista que crescia a largos passos na Europa, e poderia atingir a América a qualquer momento. Um exemplo desta aproximação foi o show feito por Carmem Miranda em 1939, sua primeira apresentação nos Estados Unidos. O sucesso foi estrondoso e imediato. O Brasil estava na boca dos americanos, e Carmem se tornara um ícone que difundia nossa cultura para esta parcela da América do Norte. O frisson causado pela brasileira chamou a atenção de um jovem em especial:

Era jovem, em 1939, quando um dia um amigo nosso chegou todo entusiasmado e disse que havia em Nova York um espetáculo onde figurava, entre outros, uma mulher que ele não sabia bem de onde surgira, que era um encanto, que requebrava as cadeiras, mexia os braços cheios de balangandãs e que falava uma língua estranha, mas isso nem importava...Fomos então ver o show que era sabe de quem? Da Carmem Miranda, que era mesmo um espetáculo deslumbrante, vivaz, alegre.²⁸

Diante desse estrondoso sucesso, em 1940, Carmem se apresentou para o presidente Roosevelt em plena Casa Branca, demonstrando assim que, neste momento, o Brasil estava em destaque.²⁹

A Segunda Guerra Mundial foi o momento perfeito para se expandir, cada vez mais, a Política de Boa Vizinhança através da qual o governo norte-americano vinha se projetando desde o governo do presidente Hoover, e que teve seu ápice no governo do presidente Roosevelt.³⁰ Ter o Brasil como aliado, ou mais, americanizar o Brasil, era o caminho mais seguro para se conseguir apoio político, quando da entrada do EUA na guerra. Desta forma, a cultura se tornou uma arma poderosa para que os Estados Unidos garantissem sua supremacia ideológica na parte sul do continente.

²⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Richard M. Morse ou Uma Viagem entre São Paulo e a América Latina. In: *O Código Morse – Ensaio sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 33.

²⁹ Para maiores informações a respeito da bem sucedida carreira de Carmen Miranda nos EUA, ver: <<http://www.carmenmiranda.com.br/>>. Acesso em 08/05/2012.

³⁰ TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. p.28.

Mesmo com a ascensão de Vargas ao poder, São Paulo ainda era o maior centro econômico do Brasil. E aqueles que se dedicavam a pensar sobre o país e seus dilemas assumiriam, a partir de agora, uma nova função: a de participantes da máquina governamental. Nas palavras de Francine V. de Oliveira,

Portanto, é devido à preocupação de conhecer, organizar e transformar São Paulo que emergem no *debut* dos anos trinta criações como a Escola de Sociologia e Política, a Universidade de São Paulo, bem como o próprio Departamento de Cultura: período no qual tornava-se premente a formação de uma elite “paulista” apta para o serviço público, a fim de pensar e transformar todo um governo. Havia, ainda, o intuito de transformar a cidade do ponto de vista urbano e populacional; daí a necessidade de um departamento que sofria acelerado e caótico processo de industrialização e metropolização.³¹

Inaugurada em 25 de janeiro de 1934, a Universidade de São Paulo, surgiu, de acordo com Maria de Fátima Costa de Paula, em um momento de ambiguidade nas relações políticas e culturais paulistas. Ao mesmo tempo em que a elite intelectual paulista sai “derrotada” na Revolução Constitucionalista em 1932, precisando desta forma o governo paulista reaver seu quadro de funcionários públicos, incentivando assim, com a criação da universidade, um local de criação de um novo quadro dirigente, a criação da universidade foi um movimento de conciliação entre o Estado e a cidade de São Paulo, mecanismo usado com o intuito de fazer sair do papel a instituição.³² Desta forma, o espaço universitário se consolidou como um importante local de recuperação da hegemonia política paulista frente ao poder central. Aliado a isso, o foco principal da preocupação de seus fundadores foi o desenvolvimento da pesquisa científica.

O núcleo mais importante neste ano de 1934 foi inaugurado juntamente com a Universidade de São Paulo, e teria grande importância no cenário intelectual a partir de então. Trata-se da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A faculdade serviria como um elo articulador entre a vida universitária e a sociedade em geral. Ela serviria, ainda nas palavras de Paula, como “o local onde se desenvolveriam os estudos de cultura livre e desinteressada. Ela seria o lócus do curso básico, preparatório para todas as escolas

³¹ OLIVEIRA, Francine V. *Os intelectuais, cultura e política na São Paulo dos anos 30*. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/12/artigo_1_Plural_12.pdf. Acesso em 08/05/2012.

³² PAULA, Maria de Fátima C. USP e UFRJ. A influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. *Tempo Social* –Revista de Sociologia da USP: São Paulo, 2002. p. 148.

profissionais”.³³ Desta forma, todos os alunos frequentariam a Faculdade para obter conhecimentos sobre cidadania. Era a representação dos ideais da elite dentro da Universidade, com a intenção de se criar uma consciência coletiva que culminasse naquele novo projeto de nação que ali nascia.

Para se articular esse novo projeto pedagógico, era preciso contratar professores que defendessem os mesmos ideais propostos. Daí a contratação de diversos professores estrangeiros para o quadro docente, com a intenção de encurtar o caminho entre a inteligência brasileira e os grandes polos de pensamento mundial. Professores italianos, alemães e principalmente franceses foram convidados a lecionar na instituição. Um claro exemplo é a presença do historiador francês Fernand Braudel (entre os anos de 1935 e 1937, e depois, no ano de 1947) na cátedra de História da Civilização, da subseção de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Durante sua presença, foi desenvolvido um projeto de organização da *Sociedade de Estudos Históricos* (1942) e a criação da *Revista de História* (1950)³⁴. Outro professor francês que desfrutava de grande prestígio em suas aulas era o também francês Jean Maugué. Foi em função do espaço de interação que suas aulas proporcionavam que nasceu um dos mais importantes grupos de intelectuais da primeira metade do século XX, grandes articuladores do desenvolvimento do pensamento paulista: o Grupo Clima.

Reunindo Antonio Candido (1918), Décio de Almeida Prado (1917 - 2000), Paulo Emílio Salles Gomes (1916-1977), Lourival Gomes Machado (1917-1967), Ruy Galvão de Andrada Coelho (1920-1990) e Gilda Moraes Rocha (1919 - 2005), o grupo mantinha algumas afinidades que foram ímpares para sua sustentação. Primeiramente, como já dito anteriormente, todos eram discípulos do professor de Filosofia Jean Maugué; depois, todos demonstravam mais interesse pelos estudos literários do que para os grandes debates filosóficos. Outra característica em comum é que todos tinham uma queda para a esquerda política; e por último, todos os membros tinham uma origem social semelhante (característica principal da maior parte dos intelectuais paulistas da época), formado por um setor médio da burguesia (altos funcionários, fazendeiros, industriais médios e etc.). Unidos por esse laço de sociabilidade intelectual, esses jovens

³³ Idem, p.150.

³⁴ Para maiores informações das primeiras gerações de historiadores formados na USP, ver: MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP. In: *Revista de História*, 2002.

moldaram ali suas vidas, suas juventudes. Suas relações sociais, afetivas, financeiras e de carreiras, de certa forma se desenvolveram a partir deste grupo.

Em 1941, reuniram suas ideias no formato de uma revista, a chamada *Revista Clima*, que nas próprias palavras de seus redatores, era uma revista feita de jovens para jovens. Em seu sumário já nos fica claro uma tendência iniciada por estes jovens: a da especialização. Cada um escrevia sobre o segmento cultural que mais lhe interessava, ao contrário da geração intelectual anterior, que escrevia sobre todos os domínios culturais, independente de sua área de formação, de forma que os interesses individuais foram explorados de forma a contribuir para o interesse do grupo e para o todo da Revista. O sumário da *Revista Clima* nos exemplifica bastante esse caso. Heloisa Pontes define bem a importância e a esfera na qual o grupo estava inserido. Em suas palavras,

A perspectiva adotada, a estratégia narrativa utilizada e a apreensão num registro quase etnográfico da experiência desse círculo de amigos, permitem um entendimento mais qualificado do padrão de funcionamento intelectual do período. A singularidade do "grupo Clima" e a posição privilegiada que seus integrantes ocuparam no sistema cultural paulista são o resultado de um triplice feito: a recuperação de elementos centrais da atividade intelectual do passado, o ensaísmo e a crítica; sua atualização em moldes analíticos e metodológicos propriamente acadêmicos; o prenúncio do que iria acontecer a seguir. Como críticos divergiram dos modernistas - escritores e artistas em sua maioria - mas partilharam com eles o gosto pela literatura e pela inovação no plano estético e cultural. Como universitários contribuíram para a sedimentação intelectual da tradição modernista. Como críticos e universitários diferenciaram-se dos cientistas sociais em sentido estrito, não só pela escolha temática, mas sobretudo pela forma de tratamento aplicada aos assuntos selecionados. No lugar do estudo monográfico especializado, o ensaio, as visadas amplas, a localização do objeto cultural num sistema abrangente de ligações e correlações.³⁵

Morse reconhece a importância desse grupo intelectual que teve grande atuação em São Paulo nas décadas de 1930/1940, que ele chama de "sociógrafos", mas faz algumas importantes ressalvas, com as quais eu compartilho. Sacrificados pelo peso do sucesso da geração anterior – que acusava seus predecessores de narcisistas - esses jovens debruçaram-se sobre a atividade intelectual utilizando-a como instrumento para a vida, fazendo da mesma o seu ramo de profissionalização. Menos inspirados e menos abertos a improvisação, por mais inseridos que fossem no contexto intelectual da época, não conseguiam abarcar os complexos contextos da cultura brasileira, fato que exigia sínteses seletivas que esses pensadores, ainda muito jovens e aturdidos por uma

³⁵ PONTES, Heloísa. Círculos de Intelectuais e Experiência Social. In: *Anais do XX Encontro da ANPOCS*: Caxambu, 1996.

multiplicidade intelectual e com as discrepâncias entre suas ideias e as questões culturais de sua época e lugar, não conseguiam ter o distanciamento necessário para enxergar.³⁶ Ainda segundo Morse, sem perceber, eles se aproximavam cada vez mais de seus tão criticados predecessores modernistas ao retomar o estudo de temas por eles iniciados. Por exemplo, a questão ameríndia e afro-brasileira (o que fez com que vários deles voltassem os interesses para áreas como a Antropologia e a Psicologia Social), já que estava claro à aquela altura que o simples levantamento de dados era insuficiente para se construir uma análise da sociedade.

A *Revista Clima* teve 16 exemplares entre os anos de 1941 e 1944, com interrupções entre abril de 1943 e agosto de 1944. Com a finalização de suas atividades, seus integrantes se debruçaram sobre seus projetos pessoais, ainda de forma atuante no campo acadêmico / intelectual da cidade. A título de exemplo, Décio de Almeida Prado, formado em Direito, dedica-se às atividades teatrais, e junto à Escola de Artes Dramáticas, ministra as matérias Teatro Brasileiro, Estética e História do Teatro, além de colaborar como crítico teatral no jornal *O Estado de São Paulo*. Também escrevendo para o jornal, mas com uma tendência mais voltada para a literatura, Antônio Cândido mantém produtiva atividade intelectual, tendo inclusive assumido o posto de Professor Adjunto na cátedra de Sociologia II na Universidade de São Paulo, escrevendo para o jornal *Folha da Manhã*, e posteriormente, para o *Diário de São Paulo* até o ano de 1947.³⁷

A segunda metade da década de 1940 foi de crucial importância para a produção da inteligência brasileira. Não apenas pela afirmação supracitada da Universidade de São Paulo, mas também por marcar a chegada do grupo de norte-americanos conhecidos como os “Pioneiros” no Brasil. Dentre eles, podem ser destacados os historiadores Alexander Marchant, Stanley Stein e Richard Morse. Estes primeiros pesquisadores, segundo Robert Levine, utilizavam de métodos de pesquisa bastante tradicionais, priorizando tópicos convencionais como biografias, histórias diplomáticas e políticas,

³⁶ MORSE, Richard M. *A volta de McLunaháina* – Cinco Estudos Solenes e uma Brincadeira Séria. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 153.

³⁷ JACKSON, Luiz Carlos. A Sociologia Paulista nas Revistas Especializadas (1940-1965). *Revista Tempo Social* – USP: São Paulo, 2004.

desenvolvimento econômico.³⁸ Morse relata o quanto essa liberdade era considerada comum entre eles:

Naquele tempo, falava-se pouco em metodologia, trato documental, técnicas de análise...queria tratar de temas como os bandeirantes, café, industrialização, imigração, Semana de Arte Moderna, e explicar a significação de São Paulo, no Brasil e na América Latina...³⁹

Doutorando da Universidade de Columbia, Morse era o segundo na fila de espera por uma bolsa de estudos concedida pelo governo norte americano, confirmando as intenções de aproximação cultural supracitadas. Instala-se na cidade de São Paulo em 1947 na casa de um casal que costumava abrigar estudantes norte-americanos que pra cá vinham, pela Associação Brasil – Estados Unidos.⁴⁰ Lá, dividia o quarto com o também norte-americano Don Robinson, diretor de teatro que havia vindo pra cá encenar peças em língua inglesa.⁴¹ Sobre esse grupo pioneiro, dissertou Morse:

Os historiadores da minha turma tinham uma visão mais abrangente da América Latina. Ainda não havia este absoluto que depois se instalou, esta coisa de especialização...Isto foi uma mania decorrente, que veio da política de bolsas, onde era solicitado que cada estudante tivesse um assunto que fosse como um feudo seu...Logicamente há bons trabalhos feitos nessa perspectiva, mas quase sempre acho que eles perdem a visão de conjunto...Lembro com muita saudade e até com nostalgia o tempo em que ser latino americanista era uma coisa de “amadores”, amadores no sentido de *lovers*, amantes...Havia mais paixão, menos profissionalismo em termos do valor abusivo da especialização.⁴²

Ao se instalar na cidade, as primeiras pessoas com as quais Morse teve contato foi com os remanescentes do Grupo Clima, em especial Antônio Cândido, que conheceu quando começou a frequentar a Faculdade de Filosofia e iniciou suas pesquisas. Também se aproximou de Florestan Fernandes, jovem intelectual da cidade, e de

³⁸ LEVINE, Robert M. Pesquisas: fontes e materiais de arquivos, instituições relevantes, abordagens. In: BARBOSA, Rubens Antônio (Org.). *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos – 1945 a 2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 60.

³⁹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia Brazilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990. p. 150.

⁴⁰ SHIRTS, Matthew. Coincidências na rua mais estreita. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 05/03/1997, Caderno de Cidades, Linha superior, p. C2.

⁴¹ Coincidência ou não, Don Robinson tinha a intenção de encenar a peça *The Narrowest Street*, sem saber que quem havia escrito a mesma era o próprio Morse, seu novo companheiro de quarto. Morse escreveu a peça após sua primeira visita a Cuba, em 1940, quando foi impossibilitado de ir pra Europa devido a Guerra. Para ter acesso a obra, ver: MORSE, Richard M. *The Narrowest Street*. Theatre Arts (Sept. 1945): 523-31.

⁴² MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia Brazilianista: história oral de vida acadêmica*. p. 158.

Fernando Azevedo, tornando-se grandes amigos.⁴³ Foi também logo de sua chegada que conheceu Sérgio Buarque de Holanda, àquela altura um já renomado intelectual, com participação na Semana de 1922, que tinha voltado a morar na cidade de São Paulo após ter sido nomeado funcionário do Museu Paulista, em 1946, e quem Morse guardava um carinho quase fraternal.⁴⁴ A partir daí sua relação com os então jovens intelectuais da época se deu, segundo ele, de forma natural, uma vez que, mesmo após a dissolução da revista, todos continuaram a ter um relacionamento próximo. Nesse tempo, o contato com esse grupo de pessoas foi de crucial importância para que Morse pudesse delinear os passos que seguiria na constituição de seu trabalho, e que foram de grande importância para que conseguisse delimitar quais seriam seus próximos passos de pesquisa. A cultura e a literatura eram tópicos com os quais ele e seu grupo se identificavam, facilitado pelo acesso a documentação de arquivos que ele, enquanto pesquisador convidado possuía, facilidade esta ainda pouco explorada pela recém formada leva de acadêmicos brasileiros, num momento de estabilização das Ciências Sociais.

Ter contato com os intelectuais da cidade abriu uma possibilidade de Morse expor suas ideias com o que ele chamou de “comunidade”. Foi esse o sentimento que ele descreveu ao conviver com pessoas que já eram bem conhecidos na cena intelectual da época. Segundo sua teoria, conviver com os cidadãos era o melhor jeito de se tornar íntimo da cidade. Ele recorda quais foram algumas dessas pessoas:

Pouco a pouco fui testando minhas idéias com outros amigos que fiz ali, como por exemplo João Cruz Costa - que tinha uma visão da história do desenvolvimento intelectual das cidades e naturalmente falava muito sobre o positivismo - e Luís Saia - que era diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em São Paulo, conhecia toda a arquitetura a partir da época colonial até nossos dias e também tinha essa visão de uma cidade moderna que podia ser uma cidade funcional, um pouco a visão de Mumford. Luís Saia foi uma influência importante. Outra pessoa foi Décio de Almeida Prado, que conhecia toda a história do teatro. Muito importante também foi Oswald de Andrade Filho, Nonê, que era artista e me apresentou a artistas modernistas, como Anita Malfatti, Lasar Segal, Di Cavalcanti e outros. Havia ainda Alice Canabrava, que estava fazendo uma história econômica que foi muito útil em termos de fontes documentais. Ela sim, tinha essa visão do desenvolvimento econômico.⁴⁵

⁴³ BOMENY, Helena. Uma Entrevista com Richard Morse. *Revista Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, 1989.p. 77.

⁴⁴ SANCHES, Rodrigo Ruiz. *Sérgio Buarque de Holanda: a trajetória de um intelectual independente*. Tese de doutorado. Araraquara, 2007.

⁴⁵ BOMENY, Helena. Op.Cit. p. 78.

Todo esse envolvimento com a intelectualidade paulista influenciou no formato que Morse gostaria de ter em seu livro. Tendo contato com as fontes, delimitou que sua análise começaria na fase da Independência, com a superação da fase rural. Seu principal objetivo era mostrar São Paulo como chave de interpretação do Brasil e de toda a América Latina, colocando a mesma na posição de centro formador de cultura e inteligência, dotada de uma lógica própria de desenvolvimento. Olhar o desenvolvimento da “Chicago da América do Sul” (em suas próprias palavras) com uma perspectiva otimista, e vendo seus estágios de crescimento (de comunidade a metrópole, como já sugere o subtítulo de seu livro) como característicos de uma cidade dentro de sua própria lógica. Ele descreveu quais eram os seus objetivos iniciais:

Paulistas famosos desempenharão papéis importantes nesta história, porém a cidade em si permanecerá em posição central. Não pretendo relatar detalhadamente a saga dos bandeirantes, e sim tentar examinar sua influência sobre a textura da sociedade paulista. Não entrarei nos complexos detalhes referentes à valorização do café, e sim estudarei o café como pedra fundamental da economia, sociedade e cultura da São Paulo de hoje⁴⁶.

Optando por uma abordagem culturalista, Morse cercou-se de escritos de antropólogos para escrever uma história não linear da cidade, mas sim, uma história que indicasse na metrópole atual as características de comunidade que eram percebidas antes do momento da industrialização. Para isso, optou por uma análise de momentos culturais, buscando a mentalidade das pessoas, como essas pessoas percebiam as mudanças que estavam ocorrendo, e identificar como estavam sendo operadas tais mudanças. Publicado no ano de 1954 no Brasil com o título *De Comunidade a metrópole: uma biografia de São Paulo*, e com segunda edição chamada de *Formação Histórica de São Paulo*⁴⁷ até hoje é considerado como uma das mais importantes análises da história da cidade. Sobre a importância que o livro teve em sua formação, Morse escreveu:

Depois de minha experiência em São Paulo, podia valorizar melhor o conceito que já havia desenvolvido de “civilização latino-americana”. Partia do princípio que identificava a América Latina como lugar de assimilação cultural, mas também um espaço que ambientava o que chamo de “civilização ibero-americana”. Civilização, para mim, não exclui o processo de assimilação, pelo contrário, implica nele...sem me aventurar num conceito

⁴⁶ MORSE, Richard M. A Volta de McLuhanáima. p. 231.

⁴⁷ A primeira edição, lançada em 1954, teve uma circulação restrita, uma vez que grande parte da tiragem se perdeu em uma enchente. Mesmo assim, o livro foi publicado neste ano em que também se comemora o centenário da cidade de São Paulo. Daí o acréscimo de informações e um relançamento, em 1970, já com o título alterado.

preciso de “civilização ibero-americana”, vejo nela um processo continuado de combinação de valores originais e adaptações com personalidade própria. Acho que não deve existir uma caracterização muito exata de “civilização”, acredito mesmo que sua abrangência tem que ser essencialmente vaga, não científica, nem exata. Assim, por exemplo, é conveniente que se pense na largueza do conceito de “civilização oriental”, “chinesa”, “ocidental”. Esse conceito genérico é bom e seria muito útil para mim considerá-lo como base para pensar o mundo latino-ibérico, latino-americano⁴⁸.

Como fica claro na citação anterior, é a partir da publicação deste livro, da formulação das ideias que começaram a germinar a partir do tempo em que passou no Brasil, que começam a se delinear algumas das ideias que ganhariam forma, anos mais tarde, em seus escritos da maturidade.

A partir disto, fica claro que o tempo que passou na cidade de São Paulo, as relações que aqui estabeleceu e os sentimentos que aqui afloraram, tiveram um grande impacto em sua formação intelectual. Isso é especialmente visível na formulação de suas concepções acerca do tipo de sociedade que se ergueu na América Ibérica. O grupo com que conviveu, sua história e suas filosofias, tudo ajudou a balizar seus interesses historiográficos. Optando por um viés culturalista, Morse abre a possibilidade para ler e compreender diversos autores, inclusive, ibero-americanos. A presença de Freyre com certeza se dá neste contexto.

2.3 – O admirador pelo olho do admirado: as impressões de Morse sobre Freyre.

Todo este tempo em que passou no Brasil foi, como já explicitado anteriormente, de crucial importância para que Morse delineasse algumas tendências historiográficas que viria a seguir em sua tese de doutorado. Nesta sessão, me distanciarei da influência que o grupo paulista teve em seus escritos e mudarei a lente para outra direção. É conhecida a afinidade e a admiração que Morse sempre teve por Freyre, e pistas acerca dessa admiração foram sendo deixadas por Morse em diversos de seus escritos, seja de forma mais sistematizada, seja de forma mais fluída. O objetivo desta sessão é fazer um apanhado do que já foi dito por Morse acerca da pessoa e da obra de Freyre, com o intuito de nos aproximarmos da visão que o admirador construiu ao longo da vida acerca de seu admirado. Importa-nos delinear aqui as primeiras impressões, as

⁴⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia Brazilianista: história oral de vida acadêmica*. p. 42.

considerações de um intelectual já formado, e as considerações de Morse na maturidade a respeito de Freyre.

Não é possível delimitar em que momento nasceu a admiração de Morse pelo brasileiro, mas podemos detectar algumas circunstâncias demonstradas pelo próprio Morse que favoreceram não só um encontro entre ambos, mas pistas que nos ajudem a elucidar como o interesse foi ocorrendo.

Originalmente publicado no Brasil no ano de 1933, *Casa Grande & Senzala* teve sua primeira versão publicada nos Estados Unidos no ano de 1946, com o título *The Masters and the Slaves*, pela editora da Universidade da Califórnia, e foi muito bem recebida pela intelectualidade local. Tem-se aí uma evidência, com um alto grau de probabilidade de que Morse já chegou ao Brasil, um ano depois, com uma leitura ou, no mínimo, um conhecimento acerca da obra. Isso se deve ao fato de que, enquanto um aluno do doutorado na Universidade de Colúmbia, o norte-americano era orientado pelo economista Frank Tannenbaum, que além de ser um grande apaixonado pelo uso da literatura como modo de entender contextos históricos – assim como Morse e Freyre – era amigo pessoal de Gilberto⁴⁹, tendo, inclusive, prefaciado a edição norte americana de *Sobrados & Mucambos*.⁵⁰

Outro fato que nos faz refletir sobre a relação, mesmo que intelectual e não pessoal, foi o breve encontro com Morse teve com Gilberto. Quando se desloca para a cidade do Rio de Janeiro para dar continuidade a suas pesquisas sobre São Paulo, Morse fica sabendo do hábito frequente de Freyre de frequentar, quase que diariamente, a Livraria José Olympio.⁵¹ Cabe aqui que se abra um parêntese. A Livraria José Olympio, desde seu estabelecimento na cidade do Rio de Janeiro, se tornou um ponto de articulação e encontro de intelectuais com vida ativa na cidade. José Olympio Filho, proprietário da editora e livraria, lançava seus investimentos em produção e vendas de livros de autores até então não conhecidos, mas que, segundo sua ótica visionária, tinham todo o potencial para desenvolver a intelectualidade no país. Mesmo não sendo um lugar de aparência confortável, se tornou em pouco tempo um verdadeiro centro da vida

⁴⁹ Idem. p. 39.

⁵⁰ http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/livros/pref_outros/sm_eua.htm. Disponível em 05/07/2012.

⁵¹ BOMENY, Helena. Entrevista com Richard Morse. p. 80.

intelectual do então distrito federal.⁵² Como definido pelo próprio Morse, a cidade não possuía um espírito de comunidade intelectual como São Paulo, mas com certeza o ambiente da livraria era onde se davam algumas das mais intensas relações de sociabilidade intelectual da cidade. Freyre teve a maior parte de seus livros publicados pela editora, era amigo pessoal de José Olympio, e sua presença era constante no local. Sabendo disso, Morse pode ter ido lá para, entre outros interesses, ter contato com o pernambucano. Maiores detalhes acerca deste encontro nós não temos, mas com base em informações que quase garantem que Morse já havia tido contato com a obra freyreana mesmo antes de vir para o Brasil, podemos especular que tenha sido uma conversa produtiva, e que teria feito com que Morse aumentasse sua simpatia pelas opções teóricas e metodológicas de Freyre.

No mesmo ano em que Morse esteve no Brasil (1948), Gilberto Freyre publicou, também pela Editora José Olympio, o livro *Ingleses no Brasil*. No ano seguinte, Morse publicou uma resenha deste livro, na *Hispanic American History Review*. Nesta resenha, traça um panorama da supracitada obra, e ainda faz um elogio a forma com que Freyre analisa a influência inglesa na sociedade brasileira. No seguinte trecho, podemos ter ciência de um dos pontos que mais instigou Morse, ainda jovem e em processo de elaboração de sua tese de doutoramento, nesta escrita freyreana:

Freyre esboçou uma tese promissora. Ao fazê-lo, ele explora fendas interessantes em seu material de origem, preenchendo tais lacunas a partir de experiências secundárias, como Manchester, Rippy e Morales de los Rios Filho. No entanto, o livro é mais do que uma hipótese sugestiva. É um estudo psicológico – definitivo no sentido que um bom romance é definitivo – não do inglês, mas sim do inglês no Brasil. Freyre não canoniza o eficiente anglo saxão nem execra o explorador implacável. Ele tem a característica brasileira de humanizar a vaca sagrada. Ele fez pelos ingleses o que, como observou Sérgio Buarque de Hollanda, o final diminutivo para a língua portuguesa: “...isto serve para familiarizar-nos mais com pessoas e objetos e, ao mesmo tempo, colocá-las em destaque. É uma forma de fazê-los mais acessíveis aos sentidos, e também, de aproximá-las do coração”.⁵³

⁵²Disponível em: <<http://acidadeeahistoria.blogspot.com.br/2011/11/jose-olympio-e-sua-livraria-editora.html>>. Acesso em 05/07/2012. Para maiores informações sobre a importância da Livraria José Olympio para a intelectualidade carioca de 1930 a 1950, ver: SOARES, Lucília. *Rua do Ouvidor, 110: uma história da Livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio/FBN, 2006; VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio, descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Editores, 1991; MACHADO, Ubiratan. *Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

⁵³ “Freyre has adumbrated a promising historical thesis. In so doing he exploits a few fascinating pockets of source material, filling the gaps from standard secondary accounts, such as Manchester, Rippy, and Morales de los Rios Filho. Yet the book is more than suggestive hypothesis. It is a psychological study-definitive in the sense that a good novel is definitive-not of the Englishman, but specifically of the Englishman in Brazil. Freyre neither canonizes the efficient Anglo-Saxon nor excoriates the ruthless exploiter. He has the characteristically Brazilian knack of humanizing the sacred cow. He does for

Morse volta a citar Freyre na introdução do livro *The Bandeirantes*.⁵⁴ Nesta passagem, afirma que a publicação da primeira edição de *Casa Grande & Senzala* em língua inglesa perpetuou nos leitores a imagem do Brasil colonial como uma sociedade costeira baseada no plantio de açúcar, uma versão indolente e tropical, parte permissiva, parte autoritária. Afirma, ainda, que esta tendência de escrita de Freyre não passou ilesa pela intelectualidade brasileira:

Alguns brasileiros acusaram Freyre de demonstrar o Brasil com base em apenas uma parte. Ele retrucou, no entanto, que sua intenção era examinar o sistema patriarcal baseado na monocultura latifundiária e escravista na parte do país onde aquele sistema encontrou suas principais características e sua expressão mais forte. Até mais do que isso, viu que o desenvolvimento social do Brasil como um processo que equilibrava antagonismos, muitas delas, entre o bandeirante e o dono das terras. Pernambuco, no nordeste, e São Paulo, no sul, foram as duas maiores forças de energia criativa nos primeiros anos de colonização.⁵⁵

Em texto a ser publicado, Beatriz Domingues relata ter tido contato com dois textos de Morse ainda inéditos no Brasil, nos quais também há referências acerca de Freyre.⁵⁶ Em 1983, no artigo denominado *Brazilianist: God Bless Them! What in the World is to be done?*, Morse faz uma análise sobre Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda, e Caio Prado Jr, inclusive, recomendando-os para seus colegas brazilianistas. Neste texto, Morse afirma que *Casa Grande & Senzala* foi o estopim para esta geração, ao abordar a herança africana na modelagem do brasileiro. Afirma, também, que se nos anos de 1950 o livro de Freyre estava sendo massacrado por parte da intelectualidade

English-men what, as Sérgio Buarque de Holanda observed, the diminutive ending does for the Portuguese language: “. . . it serves to familiarize us more with persons or objects and, at the same time, to set them in relief. It is a way of making them more accessible to the senses and also of approximating them to the heart.” MORSE, Richard. Review: Os Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil, by Gilberto Freyre. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 29, nº 4, 1949. Tradução minha.

⁵⁴MORSE, Richard. *The Bandeirantes: the Historical Role of the Brazilian*. New York: Alfred A. Knopf, 1965, p.6.

⁵⁵ “Some brazilians indeed accuse Freyre of representing the hole of Brazil through a part. He replies, however, that his purpose was to examine “the patriarchal system based upon a latifundiary an slave-holding monoculture in that part of the country where the system found his most characteristic and forceful expression.” Moreover he views Brazilian social development as “a process of balancing antagonisms”, among the many being that between bandeirante and planter. Pernambuco in the Northeast and São Paulo in the South were “the two great foci of creative energy in the first centuries of colonization.” Idem. Tradução minha.

⁵⁶ DOMINGUES, Beatriz Helena. A presença de Gilberto Freyre na obra de Richard Morse desde ensaios da juventude até os da maturidade. In: *Richard Morse e História Intelectual no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014 (no prelo).

brasileira, nos anos 1980 sua leitura estava sendo recuperada, com uma reavaliação e a valorização do mesmo.⁵⁷

Já no fim do século, em 1990, em sua maturidade e após passar pela polêmica do lançamento e da recepção de sua obra mais famosa, *O Espelho de Próspero* (1988), foi publicado no Brasil *A Volta de McLuhanaíma - cinco estudos solenes e uma brincadeira séria*. Foi concebido como uma espécie de autobiografia intelectual de um já experiente pensador, com uma invejável erudição e um humor refinado. A obra não ganha um destaque maior em sua recepção, talvez ofuscada pelo grande alarde que *O Espelho* teve pouquíssimo tempo antes. Este fato impede que várias questões postas ali e que poderiam vir a abrir um leque muito interessante de estudos e conhecimento acerca do pensamento de Morse pudessem ser feitas.

Em uma das sessões do livro, em que reflete sobre o trabalho de brasilianistas, e já fazendo uma análise retrospectiva de suas maiores influências intelectuais, Morse volta a falar de Gilberto Freyre, colocando-o no que ele chamou de “foguetes que iluminaram o horizonte historiográfico da geração pós-modernista que estava chegando à mocidade”⁵⁸, com o objetivo de tentar recuperar algumas alternativas de interpretação do Brasil feitas pelos próprios brasileiros. Nestas poucas páginas, Morse diz que Freyre, com sua abordagem heterodoxa acerca das questões sexuais e da importância do legado africano na formação da sociedade brasileira, afetou a própria consciência íntima dos brasileiros. Talvez por isso tenha sido “rejeitado” por determinados ramos da academia durante tanto tempo. Neste caso específico, Morse afirma que foi sua visão entrópica dos processos históricos, fortemente marcada por traços de sexualidade, discussões de autoridade, transferência e sublimação que fizeram a marca de Freyre. O resultado ambivalente de suas ideias assemelha-se, segundo Morse, com as do próprio Freud. O que Morse quis dizer foi que Gilberto buscava, em suas próprias ideias e concepções acerca da mentalidade por trás da sociedade brasileira, uma forma de justificação de suas teorias. Em suas próprias palavras,

É bem verdade que Gilberto era um freudiano *manque*, pois, enquanto as obsessões íntimas de Freud inspiravam e animavam seus relatos clínicos, as de Gilberto impregnam tudo o que ele escreve sem qualquer censura. Porém, assim como Freud deu uma enorme contribuição à legitimação da sexualidade, com todas as consequências ambivalentes de um tal

⁵⁷ Idem, p. 6.

⁵⁸ MORSE, Richard. *A Volta de McLuhanaíma*. p. 237.

empreendimento, assim também Gilberto trabalhou no sentido de legitimar a cultura ibérica, com resultados igualmente equívocos.⁵⁹

Lido de forma isolada, o trecho supracitado pode dar a entender que Morse não simpatiza com a forma de escrita de Freyre, mas logo a frente, ele mesmo trata de mostrar que a intenção não era bem essa. Segundo ele, foi justamente o fato de ser um manque que fez de Gilberto (e neste caso, de Sérgio e de Caio Prado também) um autor tão original, e com ideias muito mais ambiciosas do que as que estavam sendo desenvolvidas nas universidades norte-americanas, por exemplo.⁶⁰

Em seu último ensaio, *The Multiverse of Latin American Identity, c.1920- c.1970*, publicado em 1995, Morse faz um balanço comparativo entre as contribuições de Freyre e de Sérgio Buarque de Hollanda para a historiografia brasileira. Morse faz uma ótima síntese da carreira de Freyre, e de pontos que ele mais se interessava na obra do brasileiro. Começa dizendo que Freyre deu significados complexos e controversos à sua obra. Muito disso se deve à sua própria biografia, desde que saiu de Pernambuco aos 18 anos e foi estudar nos EUA. Desta forma, este jovem vindo de uma tradicional região brasileira estava imerso em uma sociedade texana não tradicional e bastante racista. Mesmo tendo completado seus estudos na Europa, estes anos nos EUA marcariam sua vida. Em 1923 volta ao Brasil e logo começa a produzir. Suas primeiras crônicas, segundo Morse, eram carnavalescas, refletindo certa tensão entre os conceitos da cultura americana que se moldaram em sua mente e o “sentimento” brasileiro que o levava de volta a suas origens. Essa ambivalência marcaria sua carreira, e ficaria clara também em suas proposições entre intuição e pesquisa, literatura e escritos científicos. Seus prodígios escritos, informativos, inteligentes, provocativos, nem sempre cumpriam com os cânones da academia. Um exemplo disso foram as centenas de páginas por ele destinadas a demarcar seu território acadêmico e justificar seus maneirismos e procedimentos.

Para Freyre, o segredo do sucesso do Brasil em fundar uma civilização humana, cristã e moderna na América Tropical foi sua tendência para o compromisso. Enquanto os ingleses, como nenhum outro povo, tiveram essa tendência na atmosfera política, os brasileiros estenderam isso, e o papel de Freyre nesta descoberta foi imprescindível,

⁵⁹ Idem, p. 238.

⁶⁰ Idem, p. 239.

adicionando uma quantidade significativa de seus conhecimentos na definição dos domínios cultural e social. Morse dedica suas considerações finais ao autor mostrando os pontos de abordagens mais interessantes, em sua opinião, na obra do ensaísta. O primeiro deles é o enigma que repousa na fascinação de Gilberto por antagonismos e transformações. Outro ponto é a abordagem do saudosismo, que não pode ser resumido como mera saudade de um passado através de sua recuperação, mas também um reconhecimento do que este passado era e não era através de suas tradições culturais.

Após delimitarmos as biografias e de que forma o interesse de Morse pela obra de Freyre se desenvolveu ao longo de sua vida, passaremos para um segundo momento de análise da influência que aqui se busca demonstrar.

Enquanto estudante, Morse publicou alguns textos com temáticas geralmente voltadas a seus objetivos de interesse: as cidades latino-americanas, e as forças culturais que nelas se desenvolvem. Englobando temas como a sociedade, o negro (escravo e liberto) e os movimentos culturais, Morse se aproxima bastante das análises feitas por Freyre também em textos de menor expressão, escritos muitas vezes para congressos no Brasil e no exterior.

No momento, me detenho em textos da juventude de Freyre e de Morse sobre o desenvolvimento das cidades brasileiras no século XIX, abordando, principalmente, seus aspectos sociais, afim de assinalar como Morse e Freyre já esboçavam nestes pequenos textos ideias e formulações que seriam melhor modeladas em seus primeiros livros.

3. O Negro e as cidades brasileiras no século XIX

“E as mulatas, com muito jogo de quadris, o cabelo cheirando a óleo de coco, os peitos pulando dentro dos cabeções picados de renda, tetas tintilando, as sararás ainda mais anchas que as outras dos vermelhos e dos amarelos que lhe sarapintavam as chitas, entravam a sapatear com a chinelinhas arrebitadas nas pontas dos pés...”
(Gilberto Freyre, *Região e Tradição*)

“Uma alma de folhas de tabaco como couro verde; corpos de mogno polido de

dançarinas africanas, os brancos dos olhos reluzindo como seus dentes; sangue vermelho dos traidores e dos mártires; massas coloridas, multifacetadas e ruidosas de brigas de galo, ocasos, festas, mercados, paisagens, rituais.” (Richard Morse, The Narrowest Street)

Neste capítulo analiso textos de Morse que foram escritos ao longo do período de sua formação acadêmica. Em especial, é utilizado o então inédito no Brasil *The Negro in São Paulo*.⁶¹ Este texto de Morse, dedicado a pensar a sociedade paulista e as forças que a regem, se destaca entre seus escritos por tratar de uma temática que em nenhum outro momento de sua produção bibliográfica: a questão do negro, escravo e liberto. A descoberta deste texto se torna parte principal desta pesquisa, ao tratar de uma das temáticas as quais Freyre mais se debruçou ao longo de sua vida, não comum ao pensamento de Morse, confirmando assim a hipótese defendida neste trabalho.

Este texto dialoga de forma interessante com textos escritos por Gilberto Freyre também em sua juventude, principalmente, com sua dissertação de mestrado, e posterior livro, *Vida Social no Brasil no Século XIX*.⁶² Temas tais como a vida social no Brasil, a posição do negro na sociedade pós-abolição, a influência negra e índia na cultura e sociedade, que, antes de Freyre, não figuravam com frequência na historiografia brasileira nas décadas de 1920 e 1930.

Na introdução de *Vida Social no Brasil no Século XIX*, texto de Freyre datado de 1922 e já mencionado no capítulo anterior, Waldemar Valente se mostra preocupado em fazer uma tradução literal, quase fiel a original, que não sacrifique em nenhum momento o pensamento do jovem autor, chamado por ele de “esponja, retendo e incorporando tudo o que se passa em sua volta”.⁶³ Ainda neste segmento, o tradutor deixa transparecer algumas características que se tornariam a marca do escritor pernambucano após alcançar o ápice de sua carreira. No trecho abaixo, podemos verificar algumas delas, facilmente reconhecíveis, da escrita do autor:

Em VIDA SOCIAL NO BRASIL NOS MEADOS DO SÉCULO XIX, revela-se a tendência do autor para escapar à rigidez das interpretações

⁶¹ MORSE, Richard. *The Negro in Sao Paulo. Journal of Negro History*, 1953.

⁶² FREYRE, Gilberto. *Vida Social no Brasil em meados do século XIX*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais: Recife, 1964.

⁶³ Idem. p. 15.

“deterministas” e ao filosoficamente formal das conclusões definitivas. Segue método científico, ao mesmo tempo plástico e artístico e até introspectivo na maneira de tentar a interpretação de fatos e tendências que não podem ser analisados sob orientação objetivamente científica. E, já aí, pioneiramente, junta, na reconstituição do passado brasileiro, ao critério da História Social da Antropologia Social: uma das suas originalidades.⁶⁴

Fruto de um momento de “renovação intelectual” de Columbia, o texto de Gilberto abriu uma perspectiva nova para os futuros estudantes da instituição, dentre os quais Morse se inseriria alguns anos depois. Quanto a este movimento de renovação em Colúmbia, disse Gilberto:

O que se firmou, naqueles dias, na Universidade de Columbia, foi principalmente isso: a consciência de ser necessário a estudos mais profundos do passado humanos que os convencionais, o critério cultural – cultural approach – que os libertasse de várias convenções, inclusive duas, importantíssimas: a etnocêntrica e a de separarem arbitrariamente, no estudo de uma sociedade, aspectos especiais do seu comportamento, para análises inteiramente isoladas, através de um especialismo pseudo-científico.⁶⁵

Décadas mais tarde, em entrevista a Helena Bomeny, Morse confirma a tendência que se tornou o tipo de abordagem mais culturalista em Columbia:

Outra influência que recebi mais tarde, na pós-graduação, foi a de Jacques Barzun, que deu um curso sobre a história intelectual e cultural da Europa no século XIX. Ele falava sobre música, teoria econômica, e totalmente sem esforço transitava por todos os campos, por todas as chamadas disciplinas. E tive também meu próprio orientador em história da América Latina, que orientou minha tese, Frank Tannenbaum. Ele sempre dizia que se você quer entender a revolução mexicana precisa ler os romancistas.⁶⁶

Desta forma percebemos que a geração de Freyre foi de extrema importância na manutenção de uma estrutura que permitiria um pensamento mais amplo no ambiente acadêmico de Columbia, por mais que o núcleo latino-americanista ainda fosse restrito, como afirma Morse na mesma entrevista.

Dentre todos os assuntos que perpassam a obra de ambos, a temática das cidades é sempre predominante. Seja seu aspecto mais íntimo, seja a sua função regional, a cidade latino-americana, mais precisamente a brasileira, aparece em alguns estudos de

⁶⁴ Idem, p. 26.

⁶⁵ Idem, p. 56.

⁶⁶ BOMENY, Helena. Uma Entrevista com Richard Morse. p. 3.

Morse e em Freyre como personagem principal e fundamental para se compreender a sociedade.⁶⁷

O livro de Morse, *Formação Histórica de São Paulo* foi o estudo sobre cidades que o projetou enquanto acadêmico latino-americanista. Porém, assim como Freyre, Morse publicou diversos ensaios anteriores ao livro que nos ajudam a compreender não somente seu apreço à história urbana, mas também, várias opções temáticas, teóricas e metodológicas que ficariam claras em seus escritos posteriores.⁶⁸ Além disso, conseguimos perceber em vários momentos de tais abordagens sobre as cidades a apropriação de aspectos do pensamento freyreano.

3.1 – O negro e a sociedade nos escritos de juventude de Freyre e Morse: germinação de ideias e estabelecimento de pontos de vista.

Em *The Negro in São Paulo, Brazil*, Morse traça um panorama acerca da situação urbana da cidade de São Paulo ao longo do século XIX que vai além da exposição acerca dos negros recém-alforriados que habitavam a maior cidade do país. É justamente esta visão mais abrangente, que privilegia um olhar que tende ao cultural que nos permite aproximá-lo das abordagens de Freyre sobre o mesmo período. Em

⁶⁷ Podemos destacar aqui dois dos principais textos de cada autor sobre a temática: FREYRE, Gilberto. *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1961 (A primeira edição data do ano de 1934); MORSE, Richard. Cidades como Arenas Culturais. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, nº16, 1995. (Versão original publicada no Journal of Urban History, no ano de 1984)

⁶⁸ Antes da publicação de *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo*, Morse publicou vários textos sobre a América Latina e o Brasil em revistas especializadas. São eles: Seed You Might Have Found. *The Nassau Lit*100 (1941); Coup in Cuba. *The Nassau Lit*100 (1941); The Narrowest Street. *Theatre Arts* (1945); The United States ship Dashiell..her story. Charleston, S. C, Walker, Evans & Cogswell Co. (1945); São Paulo. The Early Years. M. A. Thesis (ms). Columbia University (1947); The Literary Life in Brazil: a Letter from São Pulo. *The New York Times Book Review* (1948); O pesquisador social e o historiador moderno, *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo (1949); The Modern Scholar and the Americas. *Political Science Quaterly* (1950); Brazilian Modernism, *Hudson Review* (1950); São Paulo in the Nineteenth Century: Economic Roots of the Metropolis, *Inter-American Economic Affairs* (1951); A cidade de São Paulo no período 1855-1870. *Sociologia*, XIII (1951); A cidade de São Paulo no período 1870 a 1890. *Sociologia*, XIV (1952); São Paulo under the Empire (1822-1889). PHD dissertation, Columbia University (1952); The Negro in Sao Paulo, *Journal of Negro History* (1953); São Paulo in the Twentieth Century: Social and Economic Aspects. *Inter-American Economic Affairs* (1954); São Paulo Since Independence: A Cultural Interpretation, *HAHR*34 (1954); *De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo*, tradução de Maria Aparecida Madeira Kerbeg, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações culturais, S. Paulo (1954); Toward a Theory of Spanish American Government, *Journal of the History of Ideas* (1954); Language as a Key to Latin American Historiography, *The Americas* II, (1955); *From Community to Metropolis: A Biography of São Paulo, Brazil*. Gainesville: University of Florida Press (1958). Apenas alguns estão sendo analisados neste trabalho, apesar de a grande maioria estar disponível para consulta.

Vida Social no Brasil no Século XIX, Gilberto também privilegia o aspecto cultural para nos mostrar os meandros nos quais se desenvolveu a sociedade brasileira no devido século.

Morse começa o texto falando que estudiosos já se dedicaram a estudar a questão do negro no Brasil - dentre os citados, Gilberto Freyre - e que suas conclusões geralmente se focaram na presença do negro nas regiões em que sua presença foi mais constante, entre Pernambuco, o sul da Bahia até o Rio de Janeiro. O objetivo de seu ensaio não é negar o processo de assimilação racial pela sociedade brasileira, mas também, sugerir bases para a compreensão desse processo de assimilação na cidade de São Paulo, que nas décadas mais recentes tem introduzido uma variante ao padrão prevalecente no resto do Brasil, de consonância racial. E é nesta variável que Morse se dedica neste ensaio.

Freyre em seu ensaio busca restaurar não apenas a presença e importância do negro no desenvolvimento das cidades, mas, e principalmente, a importância dos mesmos na vida social brasileira, utilizando de vasto material fotográfico e litográfico. No caso de Freyre, a consideração do fator sexual na formação da sociedade e do *ethos* brasileiro, tão notório em suas obras posteriores, já se torna presente neste ensaio iniciador de sua vida acadêmica.

Após a independência brasileira de Portugal em 1822, São Paulo era uma pequena cidade que começava a experimentar certa atividade ocasionada por sua posição de capital da província, tais como os primeiros jornais e o estabelecimento de uma das duas primeiras faculdades de Direito do país, em 1827. A população pobre vivia em casebres de taipas ou feitas de barro. A economia da região se baseava, basicamente, na agricultura de subsistência, enquanto as pequenas fortunas da cidade eram criadas em torno das plantações e exportação de açúcar ou criação de gado, e do comércio com o porto de Santos, sendo São Paulo o ponto de distribuição.⁶⁹ Os escravos do interior eram basicamente utilizados para trabalhar na agricultura. Já os que estavam na cidade, eram utilizados como empregados domésticos. Alguns destes últimos também eram utilizados nas cidades no trabalho de artesãos, sendo inclusive pagos para tal.

⁶⁹ MORSE, Richard. *The Negro in Sao Paulo*. p. 290.

Este pensamento se mostra em consonância com o de Freyre, que afirma que os meados do século XIX foram marcados por um bem estar econômico ainda não visto em nossa história, com o advento da exportação de itens típicos, tais como o açúcar, o algodão e o jacarandá impulsionando as taxas de desenvolvimento econômico. E mesmo gozando de certas condições materiais favoráveis, a maioria dos brasileiros vivia ainda na Idade Feudal, considerando Freyre a sociedade brasileira em geral (excluindo a elite) arcaica em relação a anglo-americana e a europeia. A citada elite, com acesso a literatura e artigos importados da Europa, é a exemplificação, segundo Freyre, de que nesta época existiam vários “Brasis”, convivendo geograficamente, mas em tempos e épocas diferentes.⁷⁰

Outro ponto que ambos abordam é a importância da presença da juventude na formação da identidade política brasileira em meados dos séculos XIX, principalmente aqueles que se articulavam em torno das Faculdades de Direito de São Paulo e de Pernambuco. Disse Freyre que

Na década de 70 Pernambuco veria surgir, à sombra de sua Faculdade de Direito, já transferida de Olinda para o Recife, agitado grupo de “jovens intelectuais”, uns, simples rebeldes, outros, renovadores, a dar, além de pitoresco, novos rumos e novas perspectivas à cultura brasileira. Agindo sob a inspiração de sua própria juventude, revoltada contra o conservantismo dos mais velhos, dominadores absolutos das letras jurídicas e filosóficas nos meados do século XIX, trariam para a cultura nacional influências europeias novas, ainda que mal assimiladas.⁷¹

Já Morse busca enaltecer o frescor que os mesmos tinham na cidade de São Paulo, em especial (seguindo os objetivos do texto analisado) com relação ao clamor pela abolição dos escravos.

O grito da abolição foi tomado pelos estudantes de Direito de São Paulo, principalmente pela presença entre eles de do poeta Antônio de Castro Alves, e o futuro estadista, Rui Barbosa. Festivais aconteciam, onde Castro Alves declamava seus versos abolicionistas apaixonados. Lojas maçônicas e a imprensa se tornaram veículos de um liberalismo despertado que impulsionaram a substituição de escravos por imigrantes livres e, para atrair posteriormente, liberdade de cultos religiosos, sufrágio universal, educação e um governo realmente republicano.⁷²

⁷⁰ FREYRE, Gilberto. Vida Social no Brasil em meados do século XIX. p.77.

⁷¹ Idem, p. 79.

⁷² “The cry of abolition was taken up by Sao Paulo's law students, foremost among them being the poet, Antonio de Castro Alves, and the future statesman, Rui Barbosa. Festivals were held at which Castro Alves declaimed his impassioned abolitionist verses. Masonic lodges and the press became vehicles of an aroused liberalism that urged replacement of slaves by free immigrants and, to attract the latter, freedom

Morse afirmava que, por volta de 1850, a cultura cafeeira paulista teve seu ápice de produção no Vale do Paraíba, entre São Paulo e o Rio de Janeiro. A exploração do já famoso “coração do café” no interior e nordeste da província crescia cada vez mais. Os novos barões do café previram uma vasta demanda para o trabalho nas fazendas, e devido à paralisação do comércio africano e o abolicionismo incipiente, os escravos se tornaram meros paliativos. Além disso, a importação de mão de obra imigrante se tornava uma alternativa mais atrativa do que investir em compra de escravos que já estavam no território brasileiro. Podemos localizar em Freyre uma explicação com teor semelhante, como no trecho abaixo:

São Paulo foi, talvez, a Província mais próspera durante a década de 1850-1860. Definiu-se então o começo de sua hegemonia sobre o conjunto nacional. Sua população chegara em 1847, como a de Pernambuco, a 800.000 habitantes. Sua capital alcançara, nos meados do século, considerável progresso material, tornando-se uma das mais belas cidades do Império. Tinha já casas de aspecto atraente e ruas largas e bem esquadrihadas, semelhantes às do, desde o século XVII, urbanizado Recife. Em volta da cidade espalhavam-se chácaras ou casas de campo, da gente de prol: casas cercadas de pés de jabuticaba e de outras fruteiras; e mais para o interior, as fazendas, ou plantações de café, onde os cafeeiros estendiam-se em filas simétricas triunfalmente, léguas afora. Aí começou nos meados do século XIX a consolidar-se aquela hegemonia: a de São Paulo sobre o conjunto brasileiro. A prosperidade de São Paulo, durante a década de 50, explica-se pelo desenvolvimento da exportação do café. Aumentou essa exportação de modo notável.⁷³

Uma das temáticas que se mostra mais presente nos estudos de Freyre é a importância do negro na constituição da cultura e sociedade brasileiras, temática a qual Morse também dedicou algumas páginas em seus escritos de juventude acadêmica, mesmo não permanecendo nela com o passar do tempo. Aliás, analisar o Brasil do século XIX debruçando-se sobre a presença do negro na sociedade (em temáticas como a abolição, a presença dos mesmos nas lavouras e plantações, o negro liberto, dentre outras) é considerado um dos maiores diferenciais historiográficos inaugurado por Freyre na década de 1930.⁷⁴ Mas esse interesse já estava presente em seus textos

of worship, universal suffrage and education, and truly republican government.” MORSE, Richard. *The Negro in Sao Paulo*. p. 294. Tradução minha.

⁷³ FREYRE, Gilberto. *Vida Social no Brasil em meados do século XIX*. p.85.

⁷⁴ Um sem número de análises já se dedicaram a estudar a questão do negro na obra de Gilberto Freyre, principalmente em *Casa Grande & Senzala* que é, ainda hoje, fonte primordial para o estudo da época colonial brasileira. Historiograficamente, também mantém seu pioneirismo na análise da importância do negro na constituição da sociedade brasileira.

anteriores a *Casa Grande & Senzala*, sempre com um olhar positivo e suave sobre a escravidão e suas consequências para a história do Brasil.

Embora esta temática não tenha marcado sua trajetória acadêmica, em *The Negro in São Paulo*, Morse se dedica a analisar a temática na cidade, mas não apenas, mostrando também como foi a assimilação do processo de inclusão do negro na sociedade brasileira em outras partes do Brasil.

Morse afirma que os escravos da capital da província de São Paulo eram basicamente utilizados para o trabalho nas fazendas ou para o trabalho doméstico. E que, inclusive, existiam alguns que trabalhavam como artesãos e ganhavam o próprio dinheiro. Outra forma de atuação era como escravos pessoais dos estudantes de Direito que proliferavam na cidade devido às Academias ali presentes, que, geralmente, ganhavam suas alforrias após a graduação de seus senhores.

Mas a vida dos escravos paulistas nem sempre era marcada pelo bom relacionamento entre os negros e seus senhores. Afirma Morse que

Os negros de São Paulo, no entanto, nem sempre encontravam senhores bons. A enfermaria da cidade, Santa Casa de Misericórdia, constantemente tratava de escravos enfraquecidos pela dificuldade de adaptação ao ar poluído paulista, ou por condições de vida perniciosas; a maioria dos detentos também eram escravos. Os capitães do mato eram instruídos pelo delegado da cidade para capturar os fugitivos, e várias casas existiam na periferia da cidade onde os escravos poderiam ser mandados por seus senhores para receber punições corporais.⁷⁵

Mesmo que o tráfico tenha se encerrado por volta do ano de 1850, até as vésperas da abolição ainda havia uma fácil migração de escravos vindos do norte e nordeste para São Paulo. Mas este processo também mostra, segundo Morse, o quanto a cidade foi um foco de extensas alforrias voluntárias em fins do século XIX. Os próprios donos de fazendas se organizaram já na década de 1880 para formar a Sociedade de Emancipação, com o intuito de libertar todos os escravos em três anos, com o resultado de milhares de escravos libertos. Com o objetivo atingido, Morse nos mostra que esta

⁷⁵“São Paulo's Negroes, however, did not always find such benign masters. The city's infirmary, the Santa Casa da Misericórdia, constantly treated slaves who had been enfeebled by removal from the tropics to Sao Paulo's chiller airs or by pernicious living conditions; most of the inmates of the slovenly lazaretto were also slaves.8 "Bush captains " (capitães do mato) were appointed by the Town Council to apprehend fugitives, and houses existed in the city's outskirts where slaves could be remanded by their owners for corporal punishment.” MORSE, Richard. *The Negro in São Paulo*. p. 293. Tradução minha.

tendência de propiciar trabalho livre se explica melhor quando percebemos a intenção de atrair mão de obra imigrante para as fazendas.⁷⁶

Para Morse, com este movimento de utilização de mão de obra livre e atração de imigrantes, inicia-se o processo que transformou a capital da província na metrópole que ela se transformou. Os altos níveis de trabalho livre, a exploração capitalista das plantações de café, a construção de linhas ferroviárias ligando o interior a São Paulo, tudo isso contribuiu para o desenvolvimento do movimento de emancipação. E com isso, a cidade cresce e desenvolve indústrias e cresce em urbanização.

Porém, ainda que a liberdade do negro tenha sido germinada na cidade de forma pioneira e trazido diversos aspectos positivos, também ocasionou diversos problemas sociais. Para os liberais, os negros livres se tornavam, em grande parte, parasitas sociais. Os conservadores, no entanto, pontuavam que os ex escravos saídos das fazendas geralmente tinham que habitar casebres miseráveis, trabalhando por mínimos salários como de catadores de lixo, muitos se tornando alcoólatras, criminosos e vagabundos.⁷⁷

Mesmo com a possibilidade deste fim para muitos libertos, Morse enxerga no processo de abolição ocorrido em São Paulo uma variante positiva do que ocorreu em outras partes do país, como Salvador, por exemplo. Primeiro porque a população da cidade cresceu absurdamente após 1890, e com o advento da imigração europeia, ocorreu uma redução no elemento negro na sociedade, tornando a população negra reduzida na cidade; ao contrário de Salvador, que era considerada a cidade mais negra do país. Segundo, não havia, como em Salvador, outro lugar onde os negros melhor reconhecessem suas raízes, as quais foram por várias vezes a eles negadas pela civilização ocidental. E por último, o rápido e desordenado crescimento e a fluidez social que transformou a comunidade de São Paulo em metrópole se desviou do caminho, por vezes estático, das sociedades patriarcais. Além disso, a disparidade entre as cidades professou e efetivou igualitarismos criando um novo mal estar que por vezes se manifesta em animosidades nacionais e raciais.

Em suma, Morse afirma que São Paulo era a cidade mais americanizada do Brasil em fins do século XIX, pois nela se desenvolveram aspectos advindos de cidades

⁷⁶ Idem, p. 295.

⁷⁷ Idem, p. 297.

urbanizadas, tais como o desenvolvimento do maquinário, da noção de conforto, comidas e bebidas, filmes, roupas, entre outros. Nas palavras de Morse, “americanistas de discurso”. Atraindo, desta forma, vários paulistas de classe média com suas garantias de segurança e conforto.⁷⁸

Outro ponto que Morse chama atenção é o fato de que, em São Paulo, quase não havia segregação no que diz respeito a locais de moradia para negros. A concentração de habitações de negros e mulatos localizados em periferias se explica pelo baixo poder econômico dos mesmos, e pela tendência dos imigrantes europeus se manterem distantes dos brasileiros, fossem eles brancos ou negros.

Essa presença negra, tão presente e ao mesmo tempo tão diluída na sociedade paulista, forçou o aparecimento de jornais e entidades participativas que tinham o intuito de criar uma cultura de pertencimento do negro à sociedade. Coisa muito diferente do que ocorria no nordeste brasileiro, onde os candomblés e diversos rituais afro-católicos estavam enraizados na cultura local. Em São Paulo não havia espaço para organizações negras de qualquer espécie, e as cerimônias religiosas afro-católicas não aconteciam mais como há cem anos.⁷⁹

Freyre afirma que os escravos trabalhadores nas grandes fazendas do Brasil eram, em geral, bem alimentados, e recebiam cuidados de seus senhores como se fossem da família. Nos feriados, era comum que bois fossem sacrificados para o regalo dos habitantes das senzalas, assim como a aguardente, e as festas eram permitidas, para garantir sua diversão. Sobre essa temática, afirma Freyre que

Na verdade, a escravidão no Brasil agrário-patriarcal, pouco teve de cruel. O escravo brasileiro levava, nos meados do século XIX, vida quase de anjo, se compararmos sua sorte com a dos operários ingleses, ou mesmo com a dos operários do continente europeu, dos mesmos meados do século passado. Sua vida – tudo o indicava – era também bem menos pesada que a dos escravos nas minas da América Espanhola e nas plantações, quando mais industriais do que patriarcais, da América Inglesa e Protestante.⁸⁰

Apesar deste pensamento otimista em relação às relações entre senhores e escravos, Freyre afirma, assim como Morse, que nem em todas as fazendas as coisas eram tão brandas. A principal responsável pelas punições que ocorriam

⁷⁸ Idem, p. 298.

⁷⁹ Idem, p. 300.

⁸⁰ FREYRE, Gilberto. *Vida Social no Brasil em meados do século XIX*. p. 98.

esporadicamente era a Sinhá, dona da casa grande ou do sobrado, que utilizava-se de castigos como o troco ou a “máscara de flandres”, assim como o chicote, como forma de correção.

Aliás, a dona da casa, segundo Freyre, era uma mulher bastante ativa, que cuidava para que a casa funcionasse da melhor forma possível. Geralmente ela era integrante de um sistema em que atuavam como a “mulher lírio”, aquela que guardava sua pureza, religiosa e devota, enquanto algumas escravas estavam em outra ponta, servindo para o deleite sexual de seus senhores. No meio, estava o Senhor (e geralmente seus filhos homens), que tinha um comportamento por vezes repressor em casa, e lascivo com as escravas. Cabia às sinhás, por vezes, criar os filhos mulatos que nasciam de tais relacionamentos de seus maridos, junto com os filhos brancos e legítimos. Desta forma, a mestiçagem da população começava a transcender os limites das senzalas e se espalhar por toda a sociedade brasileira.

Toda uma prole de escravos surgia, em muitos casos, tendo como pai um descendente de europeu do melhor sangue; e como mães, negras e sobretudo mestiças de todos os tipos e de todas as cores. De tais uniões de homens da melhor linhagem – os bem nascidos – com suas escravas belas e moças, nasceram aqueles mestiços ladinos que, mesmo durante os últimos decênios do império, galgariam as proeminências do poder político, e dariam à República alguns de seus melhores líderes.⁸¹

Estas concepções e pensamentos dos jovens Morse e Freyre, neste momento, estavam diluídos em trabalhos que não obtiveram posterior relevância em suas bibliografias, por vezes ofuscados por produções posteriores que ganharam maior notoriedade em suas carreiras acadêmicas. A similaridade temática foi o ponto principal em que optei ao analisa-los de forma comparada. A partir de agora, nos interessa perceber de que forma os pensamentos que estavam sendo germinados nestes textos de jovens acadêmicos se desenvolveram em suas primeiras obras, que obtiveram devidos reconhecimentos dentro e fora de seus países de origem.

3.2 – Escravidão e Sociedade em *Casa Grande & Senzala* e *Formação Histórica de São Paulo*: desenvolvimento de ideias.

⁸¹Idem, p. 106.

Como visto na sessão anterior, temáticas relacionadas a vida social nas cidades e a presença do negro na sociedade brasileira em meados do século XIX foram assuntos comuns na produção de juventude tanto de Morse quanto de Freyre. Embora eles tenham pouca repercussão, apresentavam importantes formulações de ambos, que seriam desenvolvidas e ampliadas em seus primeiros livros de repercussão nacional e internacional. O que interessa perceber, em particular, é como a influência de Freyre permaneceu em Morse na escrita de sua tese de doutoramento, que posteriormente, se transformou em livro. A percepção desta influência foi favorecida pela publicação do livro de maior repercussão da carreira de Freyre, *Casa Grande & Senzala*, já publicado há aproximadamente duas décadas, tendo, inclusive, sua edição em inglês publicada no ano de 1946.

A forma como Morse traça a história da pequena comunidade que veio a se tornar a “Chicago da América do Sul”, em paralelo a outras cidades do continente, ilumina pontos que podemos perceber na obra inaugural de Gilberto.

O importante é compreender como o livro de Morse, até hoje considerado como o melhor livro para se compreender a história da cidade de São Paulo, tem tão pouca repercussão nos estudos historiográficos. Para os fins desta dissertação, interessa analisar como foi o recebimento da intelectualidade com a obra do brasilianista, assim como analisar os pontos em que ela se aproxima de *Casa Grande & Senzala*.

Ressalto que existe uma significativa diferença que permeia a história da recepção das duas obras, e que é primordial para refletirmos sobre o espaço que cada uma ocupou e ainda ocupa na historiografia brasileira. Não é interesse neste trabalho traçar um estudo profundo da recepção que cada obra teve tanto no Brasil, quanto no exterior. Como o objetivo é compreender de que forma Morse se apropriou de ideias e métodos utilizados anos antes por Freyre, basta ater-nos nos 20 anos posteriores ao lançamento de *Casa Grande & Senzala*, até porque, um estudo sobre a recepção desta que ainda hoje é uma das mais completas interpretações da sociedade brasileira demanda um esforço que ultrapassa os limites e possibilidades desta dissertação.

Casa Grande & Senzala, publicado no Brasil em 1933, de imediato atraiu uma grande atenção por parte da intelectualidade brasileira da primeira república. De um lado estavam os entusiastas de uma nova forma de escrita da história brasileira, agora de uma forma otimista e que abrangia uma nova qualidade de fontes dos mais variados

tipos, que só contribuía para afirmar o seu carácter genuíno. Se referindo ao próprio livro como “um ensaio de sociologia e de história social, pretendendo fixar e às vezes interpretar alguns dos aspectos mais significativos da formação da família brasileira”⁸², objetivava mostrar as forças existentes nas casas grandes e que moldaram as relações sociais no período colonial.

Dentre as resenhas mais positivas de seu ensaio em seus primeiros anos de publicação, brotavam os elogios, principalmente em relação ao uso de relatos de viagens e fontes literárias como fontes científicas. Em entrevista recente, a respeito da repercussão do uso de tais fontes, Ricardo Benzaquén Araújo assinalou que:

Um dos pontos mais positivos da obra do Gilberto é o de, nos anos 30, em um diálogo com algumas correntes da antropologia e da história, tentar incorporar todo um conjunto de documentos que, até aquele momento, não eram tão considerados. Não são apenas relatos de viagens ou textos literários, pois ele vai lidar com narrativas populares, com receitas de doces, receitas de farmácias etc. Enfim, ele tenta recuperar um imenso conjunto de materiais que não eram muito levados a sério. Isso, claro, tem a ver com o fato de que ele se esforça, pioneiramente entre nós, por fazer um tipo de história que se interessava sobretudo pela análise da vida cultural, no sentido antropológico do termo, o que evidentemente o leva a considerar com seriedade estes novos documentos. Se ele estivesse operando sob uma perspectiva estritamente econômica e política, certamente as fontes seriam outras, talvez mais convencionais.⁸³

Desta forma, os maiores elogios tecidos a Freyre nos anos seguintes eram daqueles que admiravam aquela visão positiva, amparada a multiplicidade de fontes. Argumenta Gustavo Sorá que *Casa Grande & Senzala* sofreu uma mudança de “intencionalidades” desde sua primeira edição até a 14ª, representada pelos vários prefácios que teve em cada edição, uma vez que Freyre acompanhava o debate que acontecia em torno do mesmo, e adaptava suas intenções de acordo com a comunidade de leitores e possibilidades de novas edições.⁸⁴ Os prefácios das edições iniciais, que circularam na década de 1930, mostravam um Freyre que se definia como um jovem estudante da cultura brasileira, demonstrando seu ensaio original de interpretação sociológica e do processo civilizatório do Brasil. Não posso aqui afirmar, como fez

⁸² FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. p. 50.

⁸³ KASSAB, Álvaro. As muitas conexões do viajante que aportou em Apipucos. *Jornal da Unicamp*, 2004. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2004/ju265pag06.html> .Acesso em 07/07/2012.

⁸⁴ SORÁ, Gustavo. *A construção Sociológica de uma posição Regionalista: reflexos sobre a edição e recepção de Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.13. n.36. São Paulo. 1998.

Sorá, que houve uma intencionalidade tão explícita de Freyre ao escolher as explicações apropriadas para cada público que estivesse recebendo seu ensaio ou se este foi um movimento inconsciente.

O fato é que trabalho com a hipótese do crítico literário e latino-americanista Gerald Martin, quando de suas considerações acerca das forças que multivaram a produção intelectual ibero-americana na década de 1930. De acordo com Martin, a década de 1930 foi um momento em que os escritores latino-americanos se debruçaram sobre novas temáticas, amparadas por teorias de novas ciências recém descobertas, como a Psicanálise. Desta forma, a literatura passou pelo que ele chama de período de introspecção nacional, momento em que seus pensadores e literatos mudaram o foco para os problemas locais.⁸⁵

O Regionalismo surge neste contexto como uma outra face do nacionalismo literário, e foi de decisiva importância no Brasil pelo fato de que, mesmo vivendo um momento político que propunha a integração nacional, tal síntese estava longe de ser alcançada. A clássica elegância do Rio de Janeiro do século XIX foi substituída nas primeiras duas décadas do século XX pelos ideais do Modernismo paulista. Na década de 1930, o centro de gravitação foi deslocado para a aparente decaída periferia do nordeste, produzindo-se assim um dos mais fortuitos períodos da narrativa brasileira.⁸⁶

Posto isso, podemos verificar facilmente a inserção de *Casa Grande & Senzala* ainda na década de 1930, na categoria literária *ensaio*, ao lado de romances de temática muito parecida. Martin destaca *A Bagaceira* (1928) de José Américo Almeida; *O Quinze* (1930) de Raquel de Queiróz; *O País do Carnaval* (1931) de Jorge Amado e *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego como os principais expoentes da novela regionalista. Paralelamente, Freyre também figurava nas prateleiras de Antropologia e das Ciências Sociais e Políticas, e com certeza, o maior desafio nestes primeiros anos de publicação foi encontrar em qual lugar se encaixaria. De certa forma, o seu caráter ensaístico-regional foi o motor propulsor do seu sucesso inicial, conforme também reconhecido por Sorá:

⁸⁵MARTIN, Gerald. Narrative since 1920. In: BETHEL, Leslie (org.). *A Cultural History of Latin America: Literature, Music and Visual Arts in the 19th and 20th Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.p.145.

⁸⁶ Idem, p. 146.

Para as categorias de percepção e apreciação crítica da época, Gilberto Freyre aportava uma perspectiva singular (mais acadêmica e especializada) entre os gêneros literários dominantes (romance, conto, crônica) que buscavam descrever de forma "real" o Nordeste. A consagração brasileira de Freyre é paralela a um movimento abrangente de imposição desta categoria. Por volta de meados dos anos 40, o Nordeste, a partir do romance, é reconfirmado como o *locus* de "maior autenticidade" dentre os núcleos definidores do "caráter nacional". Os romancistas eram, para a época, o que foram os poetas para o primeiro quarto de século: profetas legitimados para revelar um destino que poucos conseguiam ver.⁸⁷

Após 1935, o livro de Freyre passou a ser disseminado em diversos centros de estudos, e para vários tipos de público. Não só os bacharéis - os advogados, políticos e profissionais liberais estavam tendo acesso àquela "interpretação do Brasil", mas várias outras camadas da sociedade. A intenção de transformar aquele livro, que condensava grande parte de suas ideias⁸⁸, em "obra", já estava ganhando forma, à revelia do autor. Até meados dos anos 1940 um dos maiores dilemas de Gilberto neste período de repercussão foi: como garantir um caráter menos ensaístico a seu livro - apesar de todo pendor para a literatura -, garantindo a ele uma verdade científica e acadêmica através de seus prefácios, e ao mesmo tempo torná-lo uma edição única, que pudesse ser publicada em outros países, resguardando suas características principais. É a partir desse momento que Sorá diagnostica que há um deslocamento de carisma do autor - com todas as suas ambiguidades e contradições - para a obra, deixando que ela adquirisse seu próprio caminho de desenvolvimento.⁸⁹

De fato, é possível verificar que a geração de intelectuais da primeira metade da década de 1940 tinha uma visão muito positiva da figura do "mestre" Freyre (mesmo com sua pouquíssima experiência docente), assim como a estatura que a "obra" *Casa Grande & Senzala* havia adquirido. Uma nota no jornal *O Estado de São Paulo*, do ano de 1943, mostra o quanto sua presença era aguardada na cidade:

Virá a São Paulo o ilustre sociólogo brasileiro, que aqui fará uma conferência. Deverá visitar esta capital no dia 13 do corrente o escritor Gilberto Freire, a convite do "Centro Acadêmico XI de Agosto", que fará entre nós uma conferencia sobre assunto de sua especialidade, a sociologia. A

⁸⁷SORÁ, Gustavo. A construção Sociológica de uma posição Regionalista: reflexos sobre a edição e recepção de *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.13. n.36. São Paulo. 1998.

⁸⁸ Cabe aqui ressaltar que Freyre considerava *Casa Grande & Senzala* como a obra que condensava seus pensamentos, mas como dito mesmo em seu prefácio, haveriam continuações onde ele desenvolveria algumas ideias deixadas a revelia no livro supra citado. São elas *Sobrados & Mucambos*, publicado em 1936, e *Ordem & Progresso*, publicado em 1959.

⁸⁹ SORÁ, Gustavo. A construção Sociológica de uma posição Regionalista: reflexos sobre a edição e recepção de *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.13. n.36. São Paulo. 1998.

palestra do autor de *Casa Grande e Senzala* está sendo aguardada com grande interesse nos círculos universitários, jornalísticos, intelectuais e sociais de São Paulo, pois já faz alguns anos que não falava a auditório paulista.⁹⁰

Alguns aspectos são curiosos de se observar nesta pequena nota de jornal. Aqui fica evidente que ainda não há nenhuma disputa entre Gilberto (e conseqüentemente as ideias de *Casa Grande & Senzala*) e o então grupo de jovens sociólogos paulistas, uma vez que o convite parte do próprio centro acadêmico da FFCHL. Aqueles que viriam a ser seus maiores opositores ainda o encaram como um mestre, uma geração mais velha, experiente e tendo escrito um grande clássico de interpretação do Brasil. Além disso, fica clara a dimensão que a obra tomou. Quando o redator enfatiza que sua palestra vem sendo aguardada há anos por diversos setores da sociedade (não apenas o acadêmico), confirma-nos as especulações sobre a abrangência que a obra havia tomado, 10 anos após seu lançamento. O seu “caráter científico” com certeza despertava debates, críticas e concordâncias nos ambientes acadêmico e intelectual, mas foi com certeza a sua linguagem acessível, quase coloquial, que despertava a atenção dos outros setores da sociedade paulista.

Foi só na segunda metade da década de 1940 – após *Casa Grande* ter chegado a um novo patamar com as publicações nos Estados Unidos e em Londres, conseguindo assim um caráter universal, em que a obra tinha força motora própria, sem precisar necessariamente do nome do autor para dar-lhe propulsão – é que Freyre passa a conviver com seus primeiros interlocutores de fato, aqueles que virão para questionar suas teorias e métodos. Foi justamente o grupo que compreendia a *Escola de Sociologia* da USP que fazia as críticas mais ferrenhas. Com destaque para Florestan Fernandes, que longe de menosprezar os escritos do pernambucano, apenas acreditava que a verdadeira sociologia estava nascendo ali, na cidade de São Paulo, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Para Florestan Fernandes, Gilberto Freyre contribuiu principalmente para a primeira das “três etapas” na história do conhecimento social sobre o Brasil, transformando a análise histórico-sociológica em “investigação positiva”. Em compensação, não teve peso, senão relativo, na segunda fase, de introdução — por influência dos pesquisadores estrangeiros — da pesquisa de campo,

⁹⁰ Nota aleatória escrita em uma página de variedades. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 01/05/1943.

que "dependia, naturalmente, do adestramento sistemático". Menos ainda os aportes de Freyre contribuiriam para "o progresso da teoria sociológica".⁹¹

E é essa a trajetória de pouco mais de 10 anos de uma obra que atingiu um patamar que, por mais criticado e debatido, não terá concorrentes. Mesmo com as polêmicas, dúvidas e questionamentos a respeito dos métodos utilizados, Freyre conseguiu, através da ênfase em continuidades, capturar valores brasileiros singulares. Argumentou que o sistema patriarcal aqui estabelecido foi positivo, uma vez que gerou a construção de uma sociedade ocidental nos trópicos, que nada tinha de inferior em relação à sociedade criada na parte norte do continente americano, apenas tinha uma lógica, hábitos, maneiras de pensar e agir diferentes. Daí brotava o segredo do sucesso.

Publicado inicialmente no ano de 1954, *Biografia de São Paulo* tinha como objetivo fazer uma história completa da cidade de São Paulo. Uma história embasada na sensibilidade, procurando traçar mais do que o processo histórico, também as relações psicológicas que resultaram da combinação das forças de industrialização e modernização com o *ethos* do mundo ibero-católico⁹². Produto da tese de doutoramento defendida no ano de 1948 na Universidade de Columbia, o livro surgiu em uma data muito fortuita para seu desenvolvimento e publicação em terras brasileiras. Com a celebração do IV centenário de fundação da cidade, o então secretário de cultura, e velho amigo de Morse, Guilherme de Almeida, ofereceu a oportunidade de publicar o livro em uma edição especial, comemorativa⁹³. Desta forma, mesmo não tendo essa intenção, o livro de Morse se apresentou à comunidade brasileira em um momento de afirmação da identidade paulista, e apresentando um olhar otimista acerca do processo de formação da cidade, tendo uma aceitação imediata por parte da intelectualidade local.

A primeira resenha a respeito do livro foi escrita por Florestan Fernandes, e publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em 1956.⁹⁴ Destacando a publicação de livros que dedicavam-se às comemorações do aniversário da cidade, Fernandes diz que

⁹¹ SORÁ, Gustavo. A construção Sociológica de uma posição Regionalista: reflexos sobre a edição e recepção de Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.13. n.36. São Paulo. 1998.

⁹² MORSE, Richard M. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

⁹³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia Brazilianista*. p.41.

⁹⁴ FERNANDES, Florestan. Resenha Bibliográfica de Richard M. Morse: *De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo*, tradução de Maria Aparecida Madeira Kerbeg, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações culturais, S. Paulo, 1954. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20/10/1956. Suplemento Literário, p.1.

o livro de Morse representa uma tentativa de reconstrução do todo pelas partes, o que nos permite apreender o fluxo da existência da cidade através de seus traços típicos. Diz que Morse inaugura um novo estilo na escrita da cidade: a perspectiva de “síntese histórica”, engrandecida pela exploração de recursos fornecidos pelas ciências sociais. Ainda para Fernandes, as investigações de Morse lançam luz sobre processos que vinham sendo mal interpretados por aqueles que já haviam escrito sobre a cidade de São Paulo. Mesmo ressaltando alguns problemas da obra, como o “entusiasmo varonil de algumas interpretações”, Fernandes considera que o livro do norte americano é uma fonte tanto de conhecimentos empíricos, quanto de inspirações metodológicas para a próxima geração de historiadores:

A contribuição mais relevante e notável deste livro consiste em ter descrito os períodos da história de São Paulo que considerou de maneira a sugerir como a cidade foi construída e remodelada por seus habitantes, como criaturas sociais, e como eles próprios refletem – em sua personalidade, em seus centros de interesse, em suas realizações e limitações – as oportunidades e os fluxos dinâmicos, proporcionados pela cidade⁹⁵.

Fernando Henrique Cardoso, já reconhecido intelectual brasileiro, também resenhou o recém lançado *Formação Histórica da cidade de São Paulo*, no mesmo ano que Fernandes. Fica claro que não concorda com o método de abordagem culturalista adotado por Morse, mas admira a importância do texto de Morse para a história urbana da cidade.⁹⁶ Afirma que o autor, ao dividir a história da cidade em quatro fases, enfatiza o *ethos* particular presente em cada uma delas, sempre buscando mostrar a importância da integração do plano da cultura no desenvolvimento dos padrões urbanos de pensamento, sentimento e comportamento. Pondera que Morse ressalta a interação entre o processo de desenvolvimento de vida material, vida social e vida cultural, do qual emerge uma configuração de vida específica apenas presente nesta sociedade. Sobre a transformação comunidade – metrópole, sem que a segunda perdesse as características presentes da primeira, afirma Cardoso que

Morse teve o cuidado de deixar explícito que a hipótese central da qual partia não implicava numa informação a priori de que a cidade moderna é “desintegrativa” ou de que a metrópole faz com que os homens mantenham

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ CARDOSO, Fernando Henrique. Resenha de Richard M. Morse: *De comunidade a metrópole: biografia de São Paulo*, tradução de Maria Aparecida Madeira Kerbeg, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações culturais, S. Paulo, 1954; 340 páginas com ilustrações fora do texto. In *Anhembi*. 1956, p. 351.

relações antagônicas ou de isolamento, uns com os outros. Procurou mostrar no seu estudo como, com o crescimento urbano e as transformações daí decorrentes, o universo dos valores, o universo social e o moral se reorganizam em novas configurações típicas, correspondentes à vida urbana.
97

Em 1962, Lysia Maria Cavalcanti Bernardes publica na *Revista Geográfica* breve comentário acerca do livro de Morse.⁹⁸ Afirma que a intenção principal de Morse foi traçar, em linhas gerais, a história do desenvolvimento das cidades latino-americanas, salientando os contrastes com as cidades europeias. Ressalta a ênfase dada pelo autor no movimento de transformações das pequenas comunidades que nasceram às margens dos grandes latifúndios em metrópoles agregadoras. Afirma, também, que mesmo os trabalhadores se transformando de trabalhadores rurais em empregados urbanos, e com o rápido desenvolvimento da cidade de São Paulo, a mesma ainda guardava em si características de uma estrutura social e “familiarística”.

Não é de meu conhecimento o surgimento de outras resenhas que tratassem deste livro de Morse nos anos que se seguiram. O mesmo foi retomado, desta vez, como objeto de estudo de uma tese de doutoramento, pela arquiteta Ana de Castro, já no ano de 2013, com ênfase na obra de Morse como fonte de estudos para a história urbana da cidade de São Paulo.⁹⁹ Silenciamento este que pode ser explicado, até certo ponto, pelo fato de este ser um livro de Morse que mesmo ainda hoje sendo considerado o melhor livro sobre a história de São Paulo, mas foi ofuscado pelas obras de maior alcance, debate e repercussão de Morse, a ver, *O Espelho de Próspero* (1988). Porém, a leitura da tese de Castro nos mostra que este silenciamento se deu apenas no campo da História. O livro de Morse foi e continua sendo fonte primordial para diversos autores na área da Arquitetura e do Urbanismo e que, segundo Castro, pouco contestam, problematizam ou mesmo contextualizam as análises de Morse.

Antes de analisarmos passagens específicas do texto, cabe um esclarecimento. Os trechos aqui utilizados referem-se ao primeiro capítulo do livro de Morse, onde ele descreve as principais características da cidade de São Paulo no período colonial. A

⁹⁷ Idem, p. 352.

⁹⁸ BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. Cidades latino-americanas: aspectos da função e da estrutura. In: *Revista Geográfica*. T. 32, nº.58, 1963. p. 199.

⁹⁹ CASTRO, Ana Cláudia Veiga de. *Um americano na metrópole [latino-americana]: Richard Morse e a história cultural urbana de São Paulo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

delimitação se dá devido ao fato de que, para nos atermos a uma análise comparativa, ficaria mais interessante analisarmos o que foi dito e escrito por cada autor acerca do mesmo período. Como já foi dito anteriormente, o capítulo acerca do período colonial da sociedade paulista foi inserido a partir da edição publicada em 1970, em um momento de atualização de fontes, após a publicação da edição em inglês de *Formação História de São Paulo*. Desta forma, interessa-nos aqui, neste momento, esta parte do livro, onde poderemos analisar com mais precisão influências diretas no livro de Morse oriundas de *Casa Grande & Senzala*.

A ideia de fazer uma biografia da cidade, a partir de sua origem mais remota, é uma constante no livro de Morse. Sua análise começa em 1500, ano do descobrimento do Brasil, demonstrando que as cidades europeias foram fruto da Idade Média. Começar sua análise fazendo um balanço da situação europeia, com ênfase no caso português, é uma coisa que já havia sido vista em *Casa Grande & Senzala*.

No livro de Freyre, a narrativa começa em 1532, época da efetiva colonização da América portuguesa. Em sua análise, o português era um povo com natural aptidão para a vida tropical, o que foi de extrema importância na composição da sociedade híbrida que aqui se formou. Sociedade com estrutura agrária e escravocrata. Essa predisposição se explica, segundo Freyre, por seu passado étnico e cultural, “de povo indefinido entre a Europa e África”.¹⁰⁰ Sua capacidade de adaptação, sua mobilidade, tudo isso fez com que o português fosse responsável pela primeira sociedade moderna constituída nos trópicos, e com qualidades de permanência. Morse também defende em seu livro que foram as características antecedentes dos portugueses que garantiram o sucesso de seu estabelecimento em terras americanas e que o português aqui se adaptou, principalmente, por estar acostumado a produção agrícola. Mais ainda, por suas principais cidades serem essencialmente agro-comerciais e marítimas, reproduzindo aqui este modelo, a adaptação foi rápida e sem grandes mudanças.¹⁰¹

Já pensando no estabelecimento da cidade em si, Freyre é enfático ao afirmar que foi a família, e não indivíduos, que foram os responsáveis pela colonização do Brasil. A família rural, ou semi-rural, foi a unidade produtiva, a unidade geradora de capital, aquela que alimentou o escravismo, a força social que movimentou politicamente o período colonial, se tornando a aristocracia mais forte da América. Famílias essas que tinham uma origem mista, podendo ser constituídas por casais de

¹⁰⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. p. 66.

¹⁰¹ MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. p.10.

portugueses vindos do reino, ou de portugueses com mulheres caboclas, reunindo várias funções econômicas e sociais, além de uma grande quantidade de agregados e bastardos, em torno dos patriarcas. Situação análoga à descrita por Morse ao descrever a importância político-social que a família desempenhou nos primeiros anos de colonização no planalto paulista. Em suas palavras,

O típico “homem bom” era um patriarca senhorial, a que obedecia uma numerosa família ampliada de dependentes. Dez ou doze filhos legítimos constituíam a norma em cada casamento, e dadas as condições precárias da vida, eram comuns os casamentos sucessivos. Além disso, as escravas, índias e depois negras, concebiam normalmente filhos dos seus senhores, que esses reconheciam em seguida de modo regular em seus testamentos.¹⁰²

O que mais chama atenção na abordagem de ambos acerca do poder que a família exerceu nos primeiros anos de dominação do território brasileiro, além da sintonia das ideias, é a forma como a situação é descrita. Assim como Freyre, Morse utiliza-se do método descritivo de uma forma singular, nos transportando para a realidade retratada através de uma narração rica em detalhes.

O que Morse vê da formação da sociedade paulista, baseada em um sistema social complexo e hierarquizado, porém sem ser uma equação estática, me parece ser uma forma derivada da visão que Gilberto tem da sociedade que começou a se formar no Brasil a partir da chegada dos portugueses. É, talvez, uma forma diferente de demonstrar o “equilíbrio de antagonismos” na qual essa formação se embasou.

Ambos ressaltam, e neste ponto de forma bastante enfática, as condições adversas nas quais os primeiros habitantes viviam, seja na sociedade nordestina, seja na paulista. Destacam também o quanto a dieta do colono era prejudicada pela dificuldade de se encontrar legumes, carne e laticínios, e mostram de forma semelhante o predomínio do que Gilberto chama de “colônia de plantação”, “caracterizada pela base agrícola e pela permanência do colono na terra [...], a utilização e o desenvolvimento da riqueza vegetal pelo capital particular, a agricultura, a sesmaria, a grande lavoura escravocrata”.¹⁰³ Morse refere-se “às culturas básicas sendo algodão e açúcar, as fazendas possui(ndo) geralmente os seus próprios teares e engenhos de aguardente, o trigo era ali mesmo moído em farinha, as frutas cultivadas eram muitas...”¹⁰⁴

Desta forma, podemos nos questionar, com base no que já foi dito até agora, se Morse buscou fazer, em linhas gerais, o mesmo tipo de análise que Freyre,

¹⁰² Idem. p.31.

¹⁰³ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. p.79.

¹⁰⁴ MORSE, Richard M. *Formação Histórica de São Paulo*. p.33.

inovadoramente, havia feito 20 anos antes, deslocando o objeto de análise de um dos elementos de formação da sociedade brasileira (a relação entre a casa grande e a senzala), para outro elemento fundamental na colonização do Brasil (a cidade), como havia dito no prefácio já citado.

Freyre argumenta que a casa grande exerceu funções determinantes na formação de nossa sociedade. Em suas palavras,

A casa grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família com capelão subordinado ao *pater familias*, culto aos mortos, etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o tigre, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa-casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo os órfãos.¹⁰⁵

Morse utiliza de categorias semelhantes em seu livro.

O contraste entre a metrópole vertiginosa de hoje e as suas modestas origens coloniais torna-se menos violentos quando passamos em revista as suas múltiplas funções históricas e a combinação de acidentes geográficos e energias humanas que as determinaram: 1) Evangélico-religiosa: não apenas esta foi a função do colégio inicial dos jesuítas, mas, no fim do século XVI, tinha motivado um sistema de aldeias em muitas léguas de raio. 2) Político – administrativa: São Paulo foi sendo elevada a uma série de funções administrativas importantes. O seu papel administrativo se ampliou grandemente ao tempo dos enérgicos capitães-generais do fim do século XVIII, quando ela começou a dar sinais de querer tornar-se também um centro de gravidade político. 3) Militar: o sítio escolhido para São Paulo permitiu que se convertesse numa acrópole defensiva contra os ataques dos índios, que durante decênios ameaçaram a sua sobrevivência. 4) Colonizadora: São Paulo era uma cabeça de ponte para o interior, quase ao ponto de atrofiar o governo municipal. 5) Expedicionária: as bandeiras hauriram de todo o planalto organização, chefia e força de trabalho. 6) Comercial: a localização de São Paulo na entrada do caminho do mar, servindo como ponto de recepção e distribuição para o planalto, deu-lhe uma vantagem comercial desde os primeiros anos.¹⁰⁶

Não posso afirmar que os elementos supracitados não fossem uma preocupação geral da historiografia brasileira após os anos 1930, mas foram preocupações comuns a Freyre e Morse. Esses elementos, ao meu ver, ficam completamente aparentes nos dois textos, e reforçam a minha hipótese de que Morse utilizou-se de diversas propostas lançadas por Freyre em *Casa Grande & Senzala*, adequando-as às fontes e ao objeto que escolheu.

¹⁰⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. p.36.

¹⁰⁶ MORSE, Richard M. *Formação Histórica de São Paulo*. p. 36.

Traçamos até aqui comparações possíveis de ser extraídas de escritos de juventude de Morse e Freyre que dialogam de forma mais direta. O enfoque dado a sociedade, a cidade e ao negro, assunto comum na obra de ambos, não se esgota aqui. Mas por agora, nos interessa perceber de que forma tal influência se mostra em outras temáticas. São elas, a cultura brasileira, em geral, e o modernismo paulista, em especial. Assunto este que discutiremos no capítulo a seguir.

4. Os movimentos culturais formadores da sociedade brasileira: o Romantismo e o Modernismo

Porque através da literatura e da arte é que os homens parecem mais projetar a sua personalidade, e, através da personalidade, o seu ethos nacional. (Gilberto Freyre, 1944)

Como visto no capítulo anterior, as ideias de Morse acerca de temas relacionados às cidades brasileiras do século XIX, principalmente em relação à presença do negro na sociedade, em muito inspiraram-se em textos de Freyre, sejam artigos ou conferências publicados e proferidos nos Estados Unidos desde fins da década de 20, tendo seu ápice no ano de 1946, quando da publicação de *Casa Grande & Senzala* no país do norte do continente, referência explícita para a formulação de sua tese de doutorado e posterior livro, *Formação Histórica de São Paulo*.

Grande admirador da cultura brasileira, Morse sempre acreditou que não havia melhor forma de se compreender a história e a cultura de um país senão pelo estudo de seus poetas e escritores. E como grande admirador de intelectuais latino-americanos, especificamente brasileiros, Morse dedicou várias páginas ao estudo dos mesmos sobre variados assuntos que envolviam a questão brasileira. Amigo de Sérgio Buarque de Holanda e de Antonio Candido, e admirador de tantos outros, como Mário e Oswald de Andrade, e do próprio Freyre, Morse buscou demonstrar a importância desses e de outros nomes para a escrita da cultura brasileira. E influenciado por eles, também se dedicou a escrever sobre temas que abrangessem a formação de nossa identidade cultural.

Como vimos anteriormente, a visão de Morse acerca do desenvolvimento da comunidade até se transformar em metrópole percorreu um caminho bastante próximo das análises culturalistas usadas por Freyre desde seus primeiros estudos. O

desenvolvimento da cidade e de seus habitantes e a presença do negro neste processo foram temas que, anos antes, haviam sido abordados por Gilberto em vários estudos, inclusive em congressos nos Estados Unidos na época em que Morse ainda era um estudante universitário.

Dando prosseguimento a esta análise, me interessa agora analisar dois momentos culturais importantes na história do Brasil, que, assim como as temáticas anteriores, foram objeto de estudos (mesmo que esparsos) de Morse e de Freyre.

Ambos concordam que tanto o Romantismo quanto o Modernismo foram movimentos de grande importância na formulação de ideias que demonstravam o espírito das cidades onde viviam, e, conseqüentemente, a forma como se percebiam brasileiros. Neste ponto, parece mais plausível que a influência de Freyre em Morse tenha acontecido de forma metodológica, além de ter se dedicado a temáticas semelhantes. Uma das características que mais identifiquei em Freyre é a defesa do Nordeste brasileiro enquanto centro fundamental da criação artística e cultural do Brasil. Ainda assim, suas considerações sobre o Romantismo e o Modernismo, longe de desprezar as contribuições de outras regiões do Brasil, afirmam e destacam as contribuições nordestinas.

Como já dito, Morse, enquanto estudante universitário, já havia tido contato com os métodos e fontes de Gilberto, o que nos permite traçar aqui, em linhas metodológicas, comparações acerca da forma com que ambos analisaram tais movimentos culturais brasileiros.

3.1 – O Romantismo como embrião do moderno pensamento brasileiro

No texto *A Literatura Moderna no Brasil*¹⁰⁷ Gilberto afirma que é através da literatura e da arte que os homens melhor pareciam projetar sua personalidade, e por consequência, seu *ethos* nacional. Esta forma de interpretação, comum ao autor, aparece

¹⁰⁷ O texto, apresentado em conferência na Universidade de Indiana no ano de 1944, foi publicado, juntamente com outros ditos no mesmo evento, no livro “Interpretação do Brasil”. Vale ressaltar que estes textos foram escritos para o público anglo-americano e baseados nos textos já escritos anteriormente. Afirma Freyre, no prefácio à 1ª edição, que “eles exprimem o ponto de vista de quem tenta sugerir uma filosofia de ‘fusionismo’ étnico e social brasileiro.” FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1947.

de forma evidente quando o mesmo aborda os autores da época que ficou conhecida como Romantismo.¹⁰⁸ Para chegar neste movimento literário, Gilberto faz um retrospecto buscando analisar as peculiaridades da literatura e das artes no Brasil.

Interessante perceber que Freyre considera que, após a vitória contra os holandeses no século XVII, começou a surgir um espírito genuinamente brasileiro na população, que se sentiu capaz de construir uma nacionalidade. E essa nacionalidade começou a ser expressa, na literatura e nas artes, na forma de sátira. Carregada de críticas sociais e de revolta contra os abusos políticos, este estilo foi a grande demonstração do elemento brasileiro nas artes. Gregório de Matos utilizava-se da sátira para descrever tipos locais, interpretando as tristezas e alegrias da vida brasileira no século XVII, em um estilo semelhante ao de Aleijadinho que, no século XVIII, esculpia os oficiais e soldados romanos com nariz de negros. Tornaram-se assim, para Gilberto, mestres da caricatura social.

Em livro de 1952, sobre José de Alencar, Gilberto o enquadra em uma categoria de romancistas que utilizavam de naturalismo, paisagismo, e indianismo para representar um esforço socialmente crítico e reformador da sociedade. Buscavam resolver as complicações do social, voltando o máximo possível ao natural, ou avançando para um social mais próximo ao natural.¹⁰⁹ Daí a utilização, por alguns deles, da presença do índio como a verdadeira raiz da sociedade que se tornou brasileira pós 1822. Um romantismo crítico, quase político, que demonstrava também as insatisfações com as políticas do Império, contra um sistema sócio-econômico que ainda era marcado pelo domínio da escravidão e do patriarcalismo.

¹⁰⁸ O Romantismo, movimento literário que teve seus precedentes na Europa em fins do século XVIII, chegou ao Brasil através de estudantes que visitavam a Europa e estrangeiros que para cá se transferiam. Segundo Antônio Cândido, literariamente, é um movimento de pensamento sem maiores inovações em relação à cena Arcade que vigorava, com a utilização de sonetos, elegias, cantos épicos e odes. O que se percebe são mudanças comportamentais e temáticas, marcas estas impressas desde os representantes da primeira geração. O tom melancólico foi utilizado para tratar temas que mesclavam a tradição nativista com o nascimento de um sentimento de orgulho nacional. Nota-se também uma grande proximidade com o mundo religioso, religiosidade esta que se afastava da devoção convencional e se tornava quase que afetiva, cética, cansada da vida e desalentada. Tais características perduraram durante as duas fases do movimento. Complementando esta visão, José Veríssimo considera ter sido este o movimento literário mais rico e sincero já existente no Brasil, sendo, pela primeira vez, abrangente e acessível a toda a população letrada das cidades. Fontes: CANDIDO, Antonio. *Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 17; VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/histlitbras.pdf. Acesso em 23/10/2013.

¹⁰⁹ FREYRE, Gilberto. *José de Alencar*. Editora Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, 1952.p. 12.

Foi a partir desta geração que, para Gilberto, teve Alencar como principal representante, que surgiu a geração de romancistas que Freyre considera como os embrionários de um pensamento brasileiro. É a chamada por Antonio Candido de Geração Pós-Romântica, e que, segundo ele, apresenta uma continuidade de pensamentos e ideias com a geração anterior, porém, adaptada a realidades locais.¹¹⁰ Para Freyre, são estes modernos romancistas brasileiros, que se ocupavam com problemas sociais, os verdadeiros embriões que promoveram o real crescimento e desenvolvimento da sociedade. A visão de autores como José Lins do Rego, Jorge Amado e Raquel de Queiróz sobre o gênero romance nos primeiros anos do século XX é, para Freyre, base fundamental para a criação de uma consciência nacional do país. Ao se aprofundarem em temas regionais, que buscavam demonstrar os dramas do sertanejo, ou a sociedade baiana e suas especificidades, a situação das áreas periféricas, esses autores se afastavam de qualquer traço de influência europeia e começavam a delinear uma literatura que se aproximasse da real situação do brasileiro, dando voz a personagens até então relegados na literatura. Ao voltar seus olhos e análises não para um passado imaginário, mas sim para o futuro, afirma Freyre que:

Vêm estes romancistas fazendo mais do que os economistas, mais do que os políticos, mais do que os demagogos para expurgar não só da literatura brasileira, como do próprio espírito dos brasileiros, os excessos de tradição ou de rotina colonial que perturbam nosso comportamento, prejudicado muitas vezes pela opressão de complexos coloniais de inferioridade em relação à Europa.¹¹¹

Gilberto demonstra o quanto tais escritores viviam em uma dualidade de pensamento, pois conviviam com o pessimismo que advinha, segundo ele, do profundo complexo de colonialismo que existia em suas personalidades, e que havia de conviver com o otimismo de se fazer enxergar enquanto criadores de uma nova sociedade

¹¹⁰. Sobre os romancistas regionalistas que escreveram a partir dos anos de 1900, que se constituiu como uma das principais vias de autoafirmação da consciência local, citado por Freyre, afirma Cândido que não passou de um “Gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas. Esse meio foi o “tonto sertanejo”, que tratou o homem rural do ângulo pitoresco, sentimental e jocoso, favorecendo a seu respeito ideias-feitas perigosas tanto do ponto de vista social quanto, sobretudo, estético.”. CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. p. 117.

¹¹¹ FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. p. 295.

brasileira, independente, e capaz de formular as bases da sociedade que gostariam de viver.¹¹²

Outro autor que Freyre destaca como primordial nesta fase de transição é Monteiro Lobato, que considera o responsável pela fase de transição entre o Romantismo e o Modernismo. Gilberto afirma que Lobato foi, neste período, aquele que retratou melhor e com mais realismo os assuntos brasileiros, no seu corajoso uso de brasileirismos, e no seu desdém com as coisas vindas da Europa, de forma dinâmica, sugestiva e estimulante.¹¹³

Vistas as bases nas quais Gilberto defendeu os escritores do Romantismo, passo a analisar as visões de Morse acerca do mesmo movimento. Aqui, a principal diferença se dá no deslocamento temporal que percebo entre um e outro. Enquanto Freyre afirma que os intelectuais do início do século XX foram os responsáveis por formulações que viriam a ser desenvolvidas posteriormente, Morse volta temporalmente a meados do século XIX, para localizar na cidade de São Paulo os representantes que melhor pensaram e viveram o movimento.

Já em sua maturidade, Morse afirmou que o desenvolvimento cultural de uma cidade não está diretamente condicionado a seu desenvolvimento econômico e material.¹¹⁴ O interessante a destacar é que esse pensamento foi adotado por Morse desde quando ainda era um estudante, e produziu os textos como os quais lidos neste trabalho. A cidade de São Paulo, apesar de ainda longe de ser a metrópole que se tornou, produziu, em meados do século XIX, vozes de jovens intelectuais que, além de escrever sobre a vida e rotina da cidade, viviam esta realidade. É o caso dos romancistas e dos modernistas que demonstravam, através de seus escritos, uma cidade diferente das grandes Salvador, e a capital, Rio de Janeiro.

Em 1954, é publicado na revista *The Hispanic American Historical Review* artigo escrito por Morse, chamado *São Paulo since Independence: a cultural interpretation*.¹¹⁵ O texto, que seguia basicamente a mesma ordem cronológica da tese que fora defendida anos antes, buscava focar os aspectos culturais que foram

¹¹² Idem, p.301.

¹¹³ Idem, p. 309.

¹¹⁴ MORSE, Richard. Cidades 'periféricas' como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. In: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro; FGV, v. 8, n.16, 1995, 205-225.

¹¹⁵ MORSE, Richard. São Paulo Since Independence: a cultural interpretation. *The Hispanic American Historical Review*. 1954.

responsáveis pela passagem da comunidade à metrópole. Desta forma, buscou demonstrar como os escritores românticos do século XIX e os modernistas do século XX se apropriaram de influências culturais estrangeiras e ao mesmo tempo, deram expressão à cultura local, paulista.

O provincialismo de São Paulo, segundo ele, sempre se refletiu em sua expressão cultural. A expressão artística da cidade estava trancada nos tipos importados da Europa, sendo as formas arquitetônicas as expressões mais genuínas produzidas pela cidade. Os sobrados, feitos de madeira, construídos de forma funcional, eram a expressão do tradicionalismo e o paternalismo enraizado na sociedade.¹¹⁶ Esta dinâmica de cidade estagnada no tempo perdurou, segundo Morse, até o meio do século XIX, quando as escolhas profissionais dos jovens começaram a mudar. Se antes a Academia de Direito dominava a formação da maioria deles, com a transição da cidade para um contexto mais urbano, novas profissões foram surgindo, tendo algumas fortes inclinações para as artes, literatura. Vindos de várias partes do país, e até do exterior, os novos estudantes trouxeram consigo a necessidade da cidade se transformar e desgarrar dos traços paternalistas que ainda a regiam. Com isso, nasceu a demanda por teatros, revistas, livrarias, cafés e restaurantes, o que foi crucial para o desenvolvimento social da cidade.¹¹⁷

Morse afirma que por volta de 1850 se deu o florescimento da primeira geração de paulistas dedicados a fazer prosa e poesia sobre a cidade, e sobre sua realidade e anseios. E para ele, o maior expoente desta geração, e que melhor reflete os anseios da mesma, foi Álvares de Azevedo¹¹⁸, pois sua expressão literária retratava a complexidade das mudanças que estavam acontecendo em São Paulo. O ostracismo e a pouca atividade da vida de Azevedo, para Morse representavam o *ethos* que se apresentava na cidade, considerada por muitos “cinza”, “morta”, “neutra”, sem maiores atrativos.

¹¹⁶ Idem, p. 420.

¹¹⁷ Idem, p. 423.

¹¹⁸ Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu em São Paulo em 1831 e morreu no Rio de Janeiro no ano de 1852. Aplicado estudante da Faculdade de Direito, tinha como maior influência os escritos de Lord Byron, o que favoreceu a seus escritos altos níveis de melancolia e na proximidade com temas relacionados a morte. Autor dos livros Lira dos Vinte Anos, Noite na Taverna, Macário, dentre outros poemas e livretos. Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=789&sid=93>. Acesso em 23/10/2013.

O Romantismo paulista, para Morse, se mostrava difuso, porém, com temas mais latentes do que se comparado aos escritores do norte do país, onde o maranhense Gonçalves Dias, por exemplo, idealizava os costumes sobreviventes do “nobre selvagem”.¹¹⁹ O livro de Azevedo, *Macário*, para Morse representa o espírito de ambivalência romântica que existia na cidade,¹²⁰ pois, ao “desprovincializar” a literatura brasileira, escrevia como um europeu, sem, entretanto, copiar nenhum (apesar da conhecida influência de Byron em sua formação). Nas palavras de Morse, “Álvares de Azevedo, tal como a cidade onde vivia, foi compelido a fazer uma seleção entre as culturas estrangeiras, e a refundir esses elementos. A síntese eclética é uma expressão que perpassa em todos os seus discursos.”¹²¹ Contemporâneo a Azevedo, Morse enxergava em Castro Alves a vertente deslumbrada do movimento, por ser impetuoso, auto-centrado, negligente com os compromissos acadêmicos e com interesses em proclamações públicas. Demonstravam, assim, os dois lados da cidade que os românticos tão bem representavam.

A crise sofrida pelos escritores brasileiros em fins do século XIX, o tenso período da transição da vida próxima às coisas da natureza para uma existência mais abstrata e regular na cidade. O frenesi causado pela concretização do progresso material fez com que os românticos convivessem com a dualidade de uma cidade que começava a crescer com poucos atrativos. Logo, se tornaram vítimas da sociedade que eles mesmos estavam criando. Essa complexidade foi o que mais atraiu Morse a analisar o movimento. Afirmou que

Por volta do meio do século, embora o tamanho e a aparência física de São Paulo não houvessem mudado muito, a vida na cidade estava evidenciando certo estresse e agitação. O velho e o novo, o regional e o nacional, o paroquial e o cosmopolita pendurando na balança – como sugeriam os escritos de Álvares de Azevedo.¹²²

¹¹⁹ BANDEIRA, Manuel. Apresentação da poesia brasileira (Rio de Janeiro, 1946), pp. 57-70, APUD MORSE, Richard. *São Paulo Since Independence*. p. 425.

¹²⁰ O livro *Macário*, escrito em 1855, apresenta um diálogo entre um jovem estudante e satã. Mostra o lado do estudante recatado e sonhador, e o lado de um diabo irreverente e gozador, o que, para Morse, era a real representação do espírito intelectual da cidade no momento.

¹²¹ MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*. p. 128.

¹²² “By mid-century, then, although São Paulo's size and physical appearance were not yet much changed, city life was evincing a certain stress and ferment. The old and the new, the regional and the national, the parochial and the cosmopolitan hung in the balance-as is suggested in the writings of Álvares de Azevedo.” MORSE, Richard. *São Paulo Since Independence*. p. 428. Tradução minha.

A geração que sucedeu a de Azevedo se mostrou mais obstinada com as tradições regionais e com os anseios discursivos do Romantismo. Voltavam sua atenção para pragmáticas campanhas pela abolição da escravatura e o governo republicano.

Desta forma, por volta dos anos de 1870, a cidade havia se transformado em um porto seguro para os ideais românticos, além de ter perdido o ecletismo que havia alguns anos, na época de Álvares de Azevedo. O refinamento e o progresso eram coisas que já estavam absorvidas pela geração que ali vivia. O que resultou em um grande crescimento urbano e populacional em meados de 1880:

Em suma, a cidade agora exibia um complexo de energias que garantiu que as características de uma metrópole: indústria, comércio, serviços públicos, bancos, parques ornamentais e edifícios, diversões culturais e uma população em rápida expansão. Existia pouca demanda para a especulação política e filosófica de décadas anteriores, exceto, talvez, quando fragmentos de teoria federalista eram recuperados para censurar o governo por desviar a riqueza paulista.¹²³

Com a passagem do Brasil rural para uma sociedade urbana, Morse afirma que várias foram as influências europeias que foram sendo incorporadas em nossa cultura. Nesta parte, cita um texto de Freyre em que o mesmo alerta para as mudanças que aconteciam nesta virada de século. Segundo Morse, Freyre havia localizado neste período uma negação dos ideais humanísticos em detrimento de um interesse pela herança afro-portuguesa aqui presente. As mobílias tradicionais das casas brasileiras começaram a ser trocadas por móveis mais modernos, vindos da Europa. Crianças eram batizadas com nomes estrangeiros, e palavras da língua inglesa começaram naturalmente a ser incorporadas em nosso vocabulário.¹²⁴

Até este momento, então, como Morse avalia, a atmosfera cultural teria se tornado coadjuvante da vida na cidade. Os praticantes das “artes” eram frequentemente artistas vindos da Europa, deixando os brasileiros como meros espectadores. A arte era, então, mais uma forma de distinção social, que distinguia no ambiente urbano aqueles que podiam consumi-la, daqueles que não tinham acesso a ela.

¹²³ “In short, the city now exhibited a complex of energies which guaranteed it the hallmarks of a metropolis: industry, commerce, public utilities, banking, ornament-al parks and buildings, cultural diversions and a fast-expanding populace. Little demand existed for the political and philosophic speculation of earlier decades-except perhaps when fragments of federalist theory were exhumed to chide the government for siphoning off paulista wealth.” MORSE, Richard. *São Paulo Since Indenpendence*. p. 431. Tradução minha.

¹²⁴ Idem, p. 432.

Mesmo com as diferenças espaciais (Morse com ênfase aos paulistas, Freyre, aos nordestinos), percebemos que os românticos e pós-românticos foram dos formuladores de uma literatura que, além de viver um período de transformações, pensaram este momento, cheio de complexidades.

3.2 – O Modernismo e a criação de uma identidade brasileira

O Modernismo foi também um movimento no qual ambos se dedicaram a pensar e a escrever, mas resguardaram especificidades importantes. Morse foi um grande admirador do Modernismo brasileiro, uma vez que acreditava que a versão paulista do movimento incorporava a noção de comunidade dentro da metrópole que ele sempre afirmou existir, desde sua tese de doutorado. Mesmo tendo mudado para o Brasil 25 anos depois da Semana de 1922, se tornou um grande admirador do movimento.

Já Freyre possui uma visão oposta. Mesmo tendo sido contemporâneo ao movimento paulista, sempre acreditou que o Modernismo paulista pecava por se considerar como um movimento que representasse todo o Brasil. Coisa que ele, ferrenhamente, buscou combater ao longo da sua vida, como veremos nesta sessão. Mesmo resguardando importantes diferenças, é interessante perceber que o posicionamento de Freyre sobre o movimento nunca foi suficiente para diminuir o apreço que Morse nutria pelo brasileiro. Tanto que, além da já citada inspiração sobre a tese de doutorado, Morse recorre a ele para explicar a situação brasileira em meados do século XIX, como vimos anteriormente.

Gilberto Freyre sempre buscou demonstrar o quanto o nordeste brasileiro também tinha a oferecer para a cultura brasileira, Freyre, recém chegado ao Brasil após seus anos de estudos na Europa e Estados Unidos, organiza o Livro *do Nordeste*, como parte das comemorações do centenário do *Correio de Pernambuco*, como já dito neste trabalho. Já influente intelectual na cidade, reúne um grupo de homens também influentes para organizar aquele que ficou conhecido como o I Congresso Regionalista da cidade do Recife, no ano de 1926. Reunindo nomes como Nestor de Figueiredo, Moraes Coutinho, Octávio de Freitas, Amaury Medeiros, Gouveia de Barros, Alfredo Freyre, Samuel Campello, Aníbal Fernandes, Ascenso Ferreira e Joaquim Inojosa, o

Congresso teve como objetivo emanar um compromisso intelectual para o Brasil, em especial, para o Nordeste, e elaborar ideias norteadoras para um movimento que Freyre intentava criar.¹²⁵ Segundo Márcio Tenório Vieira, durante os cinco dias de duração do Congresso buscou-se não somente um projeto estético-literário para o Brasil, porém algo mais ambicioso: um projeto civilizatório. Acatando a modernidade naquilo que ela tem de mais verticalizante, que é ser um instrumento para que o homem possa pensar criticamente o passado, o presente e quais caminhos trilhar no futuro, o Congresso Regionalista definiu muito da sensibilidade intelectual e artística que se veria presente em alguns intelectuais nos anos que se seguiram: a defesa de uma arte moderna que conviva ou mesmo se alimente do patrimônio histórico e artístico – seja ele material ou imaterial – legado pelas culturas formadoras do Brasil e a sua redefinição por regiões sócio-culturais, num permanente diálogo entre a unidade e a diversidade.¹²⁶

Interessante perceber que ao longo dos anos, Gilberto manteve seus posicionamentos acerca da existência e importância do movimento regionalista ocorrido no Recife. Em 1947, abordou o tema do modernismo como uma revolução literária de forte significado como tentativa de exprimir o *ethos* brasileiro, mas que se perdeu em meio ao artificialismo das ideias dos principais integrantes.¹²⁷ Porém, independente do Modernismo, afirma que também ocorreu um movimento de revolução cultural no Nordeste. Movimento este que proclamava a necessidade de atitudes e valores “extra-europeus”, dando importância a coisas como à cozinha tradicional, à confeitaria e arquitetura tradicional, aos móveis antigos e à arte popular. Afirmou, então, que por força destas ideias que se organizou o Congresso Regionalista:

Resistindo à ideia de que o progresso material e técnico deve ser tomado como a medida da grandeza do Brasil, os regionalistas brasileiros viam no amor à província, à região, ao município, à cidade ou à aldeia nativa, condição básica para obras honestas, autênticas genuinamente criadoras e não um fim em si mesmo. Não foram nem são nacionalistas estreitos. Reconhecem que a interdependência entre as diversas regiões do mundo é essencial para uma vida intelectual e artística mais humana, e, por isto, mais necessitada de interpenetração de esforços nacionais. Alguns críticos os tem acusado de reacionários; outros os tem chamado de “comunistas ou “anarquistas” que não querem reconhecer a necessidade de centralização ou de rígida uniformidade em um país como o Brasil.¹²⁸

¹²⁵ VIEIRA, Anco Márcio Tenório. O projeto Civilizatório do Regionalismo. *Revista Continente Multicultural*. Ano VI. Número 72, 2006.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. p. 310.

¹²⁸ Idem, p. 313.

Elevar a importância do movimento que, segundo Gilberto, acontecia na cidade do Recife, me parece ter sido a forma encontrada por ele para protagonizar culturalmente uma capital que naquele momento era uma “periferia” do Brasil, mostrando que lá também se fazia uma espécie de renovação das artes e das letras, assim como no “centro” do Brasil, leia-se, Rio de Janeiro e São Paulo. Sua maior intenção, neste texto (que fora proferido para uma plateia de norte-americanos interessados em conhecer a cultura brasileira), foi de mostrar que na cidade do Recife também aconteceu um movimento de igual importância ao paulista.

Esta opção de Freyre de trazer foco a um evento que aconteceu na “periferia”, deslocando o foco para a produção cultural do “centro” é algo salutar em toda a obra de Morse, desde seus escritos de juventude. No texto *São Paulo since Independence: a cultural interpretation*, afirma Morse que foi a partir de 1917, citando Mário de Andrade, que a proposta de novas formas artísticas surgiu em um grupo de jovens intelectuais paulistas.¹²⁹ O estopim para essa convicção foi a exposição da jovem pintora Anita Malfatti, que após longa estadia de estudos na Europa, trouxe para o Brasil pinturas cheias de referências ao Expressionismo alemão. Várias críticas acerca desta exposição foram feitas, e a carreira da pintora sofreu um baque, com a devolução de quadros que já havia vendido anteriormente, e severas críticas pessoais e profissionais.¹³⁰ Após este movimento, esses jovens intelectuais reuniram forças para fazer valer as novas ideias que estavam germinando entre eles:

Assim, após o “caso Anita Malfatti”, como ficou conhecido, um pequeno grupo de artistas e intelectuais reuniram seus discursos e discutiram como implementá-los. Se uniram para organizar seus interesses em comum com uma nova forma de ação, mesmo já sendo familiarizados uns com os outros.¹³¹

Para Morse, a Semana representou os esforços de jovens homens e mulheres que encontraram um empreendimento em comum, que era levar tais inovações para o curso da vida moderna. Nascidos após 1890, foram a primeira geração de intelectuais que viveram na São Paulo já como uma metrópole, e os primeiros que tiveram a chance de reincorporar as artes e a literatura na sociedade:

¹²⁹ Idem, p. 434.

¹³⁰ MORSE, Richard. *Antecedentes of Brazilian Modernism*. Hudson Review, vol.3, n.3, Autum, 1950, p. 447-452.

¹³¹ Idem, p. 19.

Os modernistas eram mais uma vez, como os romancistas de 1850, artistas-em-comunidade. Durante os primeiros anos ‘nós éramos puros e livres, desinteressados,’ Mario de Andrade escreveu posteriormente. ‘Ninguém pensou em sacrifício, ninguém precisou o ininteligível, ninguém se imaginou precursor ou mártir’.¹³²

O tema volta a aparecer em sua tese de doutoramento, *Formação Histórica de São Paulo*. No livro, aprofundando suas ideias já expostas em outros textos, Morse mostra que não se deve apenas considerar o Modernismo como sinônimo da Semana de 1922, e sim, considerar que a Semana foi fruto de de uma enorme quantidade de reações à vida no século XX, reações essas espontâneas, que pelos últimos 25 anos, mais ou menos, já estavam sendo desenvolvidas na mentalidade paulista.¹³³

Jorge Schwartz define as primeiras décadas do século XX como um verdadeiro laboratório cultural, cujo caráter de experimentação altera por completo o panorama das artes e das letras.¹³⁴ Influenciados por movimentos como o futurismo italiano (representado pela obra de Tommaso Marinetti, autor de “*Manifest Du Futurisme*”, 1909), que determinou uma nova visão acerca da escrita, ao trazer para o universo das letras a ideia de aceleração da cronologia e encurtamento das distâncias, frutos do progresso tecnológicos do início da década; na elevação de Paris como a capital do mundo cosmopolita, produzindo em seus moradores e admiradores novas inspirações que caracterizassem seus novos dilemas, como o lugar ocupado pelo indivíduo na multidão e seu vínculo com a mesma, seus novos modos de percepção da realidade através de sensações como a *ubiquidade* e o *voyeurismo*¹³⁵.

Com os escritores latino-americanos a relação com a capital francesa não é muito diferente, porém, ainda seriam necessárias quase duas décadas para que surgissem obras que demonstrassem esse espírito de uma nova leitura da cidade, e convertesse a mesma em material de produção intelectual. Os modernistas brasileiros praticavam o chamado “cosmopolitismo de bagagem”¹³⁶, aquele em que se interam e absorvem as ideias futuristas parisienses, ao mesmo tempo em que buscam transformar

¹³² “The modernists were once again, like the romanticists of 1850, artists-in-community. During the early years “we were really pure and free, disinterested,” Mario de Andrade later wrote. “No one thought of sacrifice, no one treasured the unintelligible, no one imagined himself precursor or martyr’.” MORSE, Richard. *São Paulo Since Independence*. p. 434.

¹³³ MORSE, Richard. *Formação Histórica de São Paulo*, p. 340.

¹³⁴ SCHWARTZ, J. *Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹³⁵ Idem, p.12.

¹³⁶ Idem, p.47.

as retóricas passadas de interpretação do Brasil, para refletir sobre o caráter de sua cultura em suas obras de criação.

Porém, ainda segundo Schwartz, apesar de dotados de certa consistência ideológica, os membros do movimento se baseavam em aspectos unicamente literários e estéticos. Seu objetivo principal era absorver o máximo de cultura exterior e, num movimento antropofágico, trazê-la para a realidade brasileira.¹³⁷ É importante ressaltar que o termo “movimento modernista” aqui tratado se refere ao início do movimento, a chamada “fase heroica”, compreendida entre 1922 e 1930, também conhecida como “Pau Brasil” ou fase “antropofágica”.

Não demorou para que este movimento começasse a ganhar as ruas da cidade, articulando-se, principalmente, na livraria *O Livro*. Autores liam novos poemas, pintores mostravam novos quadros, compositores mostravam novas músicas. E assim, nascia uma nova consciência artística, e, junto a ela, a organização da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922. Para Candido, a Semana foi o grande catalisador da nova forma de se fazer literatura, graças ao dinamismo e ousadia de seus protagonistas.¹³⁸

Wilson Martins faz uma conexão entre o furor modernista e a proclamação da República, ambas vistas por seus participantes como a solução dos problemas brasileiros. Porém, tanto a República quanto o Modernismo paulista passaram por momentos de crises de consciência, afim de legitimar suas atitudes, e demonstrar sua permanência na sociedade brasileira.¹³⁹ Para o Modernismo, o ano de 1924, dois anos após o auge da Semana, foi o de sua crise de consciência, uma vez que, se o intuito do mesmo era inserir o Brasil no contexto internacional, era necessária a construção de uma entidade nacional dotada de qualidades, afim de singularizar o país frente às demais nações. Porém, para isso, seria necessária uma força além da que o movimento possuía. Morse reconhece isso, dizendo que a maioria dos primeiros modernistas, extremamente nacionalistas, não conseguia formular soluções para os problemas brasileiros que eles mesmos encontravam.¹⁴⁰

¹³⁷ Idem, pág. 344.

¹³⁸ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. p. 124.

¹³⁹ MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 316.

¹⁴⁰ MORSE, Richard. Brazilian Modernism, *Hudson Review*. Vol. 3, n. 3, 1950, p. 449.

A maior tentativa de buscar soluções para se criar uma entidade nacional, neste período, segundo ele, talvez tenha sido a publicação de *Macunaíma*¹⁴¹, em 1928. Tendo que lidar com a dificuldade de encontrar algo realmente nacional em um país com dimensões continentais e ampla diversidade regional, Mario de Andrade, cria um personagem-título completamente a-regional, com uma linguagem e ritmo de vida próprio, que não se encontraria em nenhuma outra parte do mundo, criando, assim, um elemento totalmente brasileiro. Utilizando elementos da fauna e da flora, circunstâncias sociais e episódios históricos presentes em várias partes do Brasil, Mario construía um país sem distinções histórico-geográficas regionais. Disso resultou uma unidade nacional que pode ser exportada para o mundo. Morse considera Macunaíma como responsável pela abertura de novos temas, uma nova linguagem brasileira para ficção.¹⁴²

Mesmo que o objetivo desta dissertação seja notar os traços de aproximação e afastamento de Freyre e de Morse acerca dos temas citados, é importante assinalar o quão polêmica é a temática do Modernismo na biografia de Freyre, sempre buscando minimizar o papel do movimento paulista. Esta tendência já fica clara nos textos de sua juventude, mas segue ao longo do tempo, tanto em textos, quanto em artigos de jornal. Acredito ser importante deslocar temporalmente o olhar deste trabalho, para que possamos perceber o quanto a visão de Freyre se manteve ao longo dos tempos.

Por ocasião do cinquentenário da Semana de 1922, Gilberto escreve um artigo para o jornal *O Estado de São Paulo* bastante elucidador sobre a ocorrência de diversos “modernismos” no Brasil, todos parte de uma mesma tendência maior de renovação, não apenas estética, mas, e principalmente, de ideias. Neste artigo, Gilberto se coloca a frente de um movimento na cidade de Recife liderado por jovens que passaram tempos na Europa ou nos Estados Unidos, recebendo influências e tendo contato com novas formas de pensamento, sempre destacando o protagonismo de sua cidade.

Ao Recife da década de 20 não faltou, desde o começo da década, uma revolta contra o até então estabelecido, aceito, consagrado, no Brasil, em artes, em letras, em ciência do homem. Tal revolta foi um movimento saído do próprio Nordeste: de suas constantes renovadoras, tornadas célebres, na história intelectual do país, pela Escola do Recife da década de 70, no século XIX; e notável pela assimilação, em que na década de 20 deste século se

¹⁴¹ O livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, traz o personagem título como o “herói sem caráter”, símbolo do Brasil na época. Trazendo inovações linguísticas e temáticas, o livro é símbolo da busca pela ruptura e rejeição ao passado. É considerado até os dias de hoje um dos romances mais importantes de nossa literatura.

¹⁴² MORSE, Richard. *Brazilian Modernism*. p. 449.

empenhou o mesmo Recife, resistindo ao comodismo das importações passivas, de “ismos” modernizantes diretamente captados da Europa e dos Estados Unidos.¹⁴³

O argumento utilizado por Freyre era garantir que ficasse claro a todos o caráter diferenciado que essas ideias vindas da Europa ou Estados Unidos adquiriram no Recife. Afirmava que “o Recife surgiu, na década de 20, e continuou pelas décadas seguintes ‘modernista’ a sua maneira”, associado a uma nova forma de tradicionalismo e de regionalismo. O que diferia em parte da inteligência nordestina da paulista ou carioca – relato que Freyre também dá neste artigo, quando narra seu encontro, em Paris, com Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral – era que ele estaria mais disposto a absorver as influências do modernismo e renovar as artes e as letras.

Freyre reafirmava, por fim, neste artigo na década de 1970, a posição de vanguarda e antecipação do Recife na década de 1920 - com ideias ligadas ao regionalismo, à tradição, à assimilação crítica das ideias europeias e anglo-americanas com o objetivo de criar uma nova forma de interpretação da tradição brasileira – frente ao grupo paulista e carioca, porém, de forma muito mais relativizada e agressiva do que havia escrito quando da publicação do *Manifesto Regionalista*, em 1956, quando afirmava que

Nosso movimento não pretende senão inspirar uma nova organização do Brasil. Uma nova organização em que as vestes em que anda metida a República - roupas feitas, roupagens exóticas, veludos para frios, peles para gelos que não existem por aqui - sejam substituídas não por outras roupas feitas por modista estrangeira, mas por vestido ou simplesmente túnica costurada pachorrentamente em casa: aos poucos e toda sob medida.¹⁴⁴

Não chega a ser estranho o caráter mais brando que Freyre foi dando a suas ideias acerca de um Movimento Regionalista que teria acontecido no Recife. Apesar de terem existido, como ele, diversos outros intelectuais da cidade que tiveram sua formação intelectual na Europa e nos Estados Unidos e retornaram ao Brasil com ideias de renovação de ideias e instituições, de forma tradicional e regional, a relevância do grupo foi pífia fora da cidade. Segundo Wilson Martins, o único defeito do movimento

¹⁴³ FREYRE, Gilberto. Agitação beneficiou as Letras e as Artes. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 20/02/1972, Suplemento Literário, p. 1.

¹⁴⁴ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 1956.

regionalista foi jamais ter, de fato, ocorrido. E sim, ter sido uma construção posterior, como forma de elevar a importância da cidade no momento de vanguarda e renovação artística que ocorria no Brasil.¹⁴⁵ O próprio Congresso Regionalista apenas ocorreu por haver na cidade um forte espírito generalizado que confluía para as mesmas finalidades. Martins destaca ainda:

É de se lembrar, aliás, que as polarizações entre “passadistas” e “modernistas eram mais polêmicas e tribalistas do que reais, pois, como se sabe, o regionalismo e os ideais nacionalizantes do movimento confluíam forçosamente na recuperação e revalorização do passado brasileiro.¹⁴⁶

Outro que fez críticas acerca da validade do movimento liderado por Gilberto foi Joaquim Inojosa, um dos próprios participantes do suposto movimento. Em resposta ao artigo de Freyre citado acima, Inojosa escreve que tal movimento foi fruto da imaginação de Freyre, que quis dar uma dimensão muito maior do que a real. Questiona o fato de que estudos da época, como um feito por Wilson Martins, em nenhum momento menciona um movimento organizado e generalizado, como proposto por Freyre:

Nego, nego alto e bom som a existência desse “movimento”. Houve, no Recife, na década de 20, um movimento literário, aquele filiado à Semana de Arte Moderna de São Paulo, ou ao modernismo São Paulo-Rio. Mas não houve “movimento tradicionalista regionalista” algum. Novamente recorre o escritor Gilberto Freyre ao confessado hábito da retroação: transfere para 1920/30, aquelas influências que teria ele tido na literatura nordestina ou mesmo brasileira, com a publicação, em 1933, do livro *Casa Grande & Senzala*.¹⁴⁷

Desta forma, sabemos hoje que os objetivos de levar suas ideias regionalistas para o resto do Brasil, na época, podem não ter tido o alcance por ele esperado. E mais, seus esforços de renovação de pensamento e política, a defesa da diminuição da importância dos estados, para que as regiões fossem tratadas como realidades orgânicas, guardando suas características principais, se tornando interdependentes economicamente, de uma forma em que a diversidade fosse mais criadora, e a unidade,

¹⁴⁵ MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol.6. São Paulo: EDUSP, 1978. p.378.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ INOSOJA, Joaquim. O movimento imaginário do Recife. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 25/06/1972. Suplemento Literário, p. 4.

menos complexa¹⁴⁸, não foi bem sucedida, sendo necessário, desta forma, criar uma memória que enaltecesse a superioridade nordestina frente ao modernismo de São Paulo.

Mesmo em meio a certas disparidade, podemos perceber que um ponto em que ambos concordam é em relação ao caráter efêmero que o movimento teve, mesmo tendo um impacto que se reflete até os dias de hoje em nossa literatura. Morse afirma que o movimento modernista durou, no máximo, pelos vinte anos seguintes à Semana de 1922, marcada talvez pela morte de Mário de Andrade em 1945, ou pelo surgimento de um grupo de poetas que se intitularam Neo-Modernistas. Não se pode, no entanto, afirmar que o Modernismo foi superado. Assim como o Romantismo, ele consistiu em um estado de espírito, um sistema aberto, sendo suas raízes mais profundas do que as deixadas pelos românticos nas gerações seguintes, e suas influência são percebidas até hoje em diversos seguimentos.¹⁴⁹

Já em sua maturidade, Morse enxerga o Modernismo como o impulso para o desenvolvimento do pensamento sociológico da cidade de São Paulo. Seus representantes assumiram a missão de trazer para a realidade intelectual brasileira, primeiramente, uma pulverização da visão, do vocabulário e das ideias, para depois vir a traçar uma reconstituição da história brasileira.¹⁵⁰ O que fizeram foi, ainda segundo Morse, recuperar pontos de referência moral recuperados da crítica transição da Idade Média para o Renascimento, transpondo a situação para o caso brasileiro e mergulhando fundo na memória coletiva das pessoas. O movimento foi catalítico, mas não deixou projetos de aplicabilidade imediata, não forneceu respostas explícitas.¹⁵¹ Já Freyre, em *Interpretação do Brasil*, afirma que o modernismo resultou para o desenvolvimento intelectual e artístico do Brasil, em uma fase ousadamente experimental, em torno de um desejo de autenticidade original.¹⁵²

Concluo que a visão de ambos acerca do caráter inovador do movimento paulista está em consonância, apesar de se afastarem em determinados momentos, tendo como ponto maior de diferença as considerações de Freyre acerca do “movimento” pernambucano, uma vez que Morse nem mesmo o cita em seus estudos sobre a época.

¹⁴⁸ FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. 1952. p. 171.

¹⁴⁹ MORSE, Richard. *São Paulo Since Independence*. p. 437.

¹⁵⁰ MORSE, Richard M. *A volta de McLuhanáima*. p. 147.

¹⁵¹ Idem. p. 149.

¹⁵² FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. p. 314.

Analisando as desconstruções posteriores da existência real deste movimento, e restando apenas a ideia de alguém que relevou a importância de um movimento em detrimento de outro, percebemos que as primeiras décadas do século XX foi para ambos o momento de criação de uma identidade nacional para o Brasil, ainda que cada um tenha buscado analisar um aspecto diferente do mesmo assunto.

CONCLUSÃO

Richard Morse foi o tipo de intelectual que se pode definir como uma esponja. O verdadeiro antropófago que absorve e transforma em algo novo todas as suas influências, a maior parte delas, vindas de intelectuais latino-americanos, em um momento da História em que a historiografia ainda via a parte sul do continente como o “quintal do mundo”.

Neste momento, percebemos que uma dessas influências veio justamente daquele que se tornou famoso por levar ao mundo uma história do Brasil que procurava valorizar nosso passado mestiçado, residindo aí a nossa melhor e maior qualidade, e que seria o nosso maior diferencial em relação ao resto do mundo.

Precisar onde começou e até onde foi a influência recebida de Gilberto Freyre em Morse é algo impossível. O que se pretendeu neste trabalho foi justamente traçar momentos ou temas em que esta marca se mostrasse mais forte. E o momento escolhido, a juventude de Morse, é bastante significativo por mostrar um jovem estudante de pós graduação, já apaixonado pela cultura latino-americana, se transferindo para um país estranho afim de buscar documentos para sua pesquisa, aberto a todo tipo de influências e tendências historiográficas. Neste momento de formação que espero ter conseguido mostrar pontos em que a influência de Freyre se mostra mais perceptível.

Mas é importante que fique claro que tal influência está diluída por toda a obra de Morse, inclusive em seus escritos mais maduros. Para este trabalho, escolheu-se tratar de pontos específicos, como as cidades, o negro, o Romantismo e o Modernismo, através de textos publicados por Morse ainda em seu período de estudante. Textos estes pouquíssimos estudados e que são riquíssimos, pois já trazem em si traços marcantes de suas escolhas temáticas, teóricas e metodológicas que seriam desenvolvidos em seus textos posteriores. Além disso, buscou-se lê-los à luz de textos de Freyre igualmente pouco explorados, muitas vezes ofuscados pelo gigantismo de *Casa Grande & Senzala*, mas que, assim como os textos de Morse, já demonstravam diversos pontos que seriam os norteadores de toda a sua carreira.

As concepções de Gilberto que definem seus posicionamentos acerca da formação da cultura da América Latina se espalham por toda a sua obra, sendo até

mesmo destacada em *Casa Grande & Senzala*, tais como a adaptabilidade e plasticidade do português nos trópicos, a tendência à harmonização das diferenças e o tratamento fraterno com a população já existente no território. Essa também é a ideia defendida em recente texto por Kátia Baggio, que afirma:

A defesa do retorno às tradições; a valorização da diversidade e mescla de tradições culturais distintas; a interpenetração dos métodos da sociologia e da história; a concepção de intra-história, ou seja, “a vida subconsciente do povo” (...) estão fortemente presentes nos textos de Freyre sobre América Latina, escritos entre os anos de 1940 e 1970. Freyre manteve desde os anos 1930 esses elementos em suas análises, não tendo havido, em meu entender, alterações substanciais em suas concepções sobre a formação sociocultural do Brasil ou do mundo ibérico, num sentido mais amplo e genérico¹⁵³.

Ao longo do século XX, alguns textos sobre tal temática foram escritos e publicados em forma de artigos para jornais e revistas no Brasil e no exterior. No início dos anos 2000, Edson Nery da Fonseca organizou tais textos em formato de um livro¹⁵⁴ ainda pouco explorado pelos críticos de Freyre, mas reconhecido por eles como primordiais para se compreender os posicionamentos freyreanos acerca de artes, literatura e cultura em geral. Esses mesmos críticos também consideram estes textos, escritos entre as décadas de 1940 e 1960, como o cerne do desenvolvimento de suas considerações sobre a Tropicologia. Nestes textos, Gilberto demonstra seu lado de defensor do iberismo, da cultura latina e da americanidade advindas da cultura ibérica, em determinados momentos, contrapondo com a americanidade presente na cultura anglo americana.

Segundo Leslie Bethell, o texto de Freyre defendendo o Brasil enquanto fruto de uma cultura hispano-americana é, de certa forma, pioneira no momento de sua concepção, uma vez que poucos eram os brasileiros que, em tempos de Guerra Fria, buscavam certo intercâmbio de ideias com os parceiros de continente. Gilberto, ao publicar seu principal texto sobre a temática em 1963, se torna um dos únicos no período que se enxerga e busca lembrar ao mundo de que o Brasil é culturalmente fruto da cultura latino americana, uma vez que a maioria dos brasileiros continuava a ter a ideia de que América Latina era sinônimo de América Espanhola, e que os brasileiros

¹⁵³ BAGGIO, Kátia Gerab. Iberismo, Hispanismo e Latino-Americanismo no Pensamento de Gilberto Freyre. In: *Revista Estudios Del ISHiR*. Argentina, Año 2, n.2, 2012. p.121.

¹⁵⁴ FREYRE, Gilberto. A propósito da política cultural do Brasil na América. In: *Americanidade e Latinidade da América Latina e outros textos afins*. Brasília: Editora UnB – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

não eram, em sua essência, latino-americanos¹⁵⁵. Este pensamento se apresenta em um Freyre já maduro, mas que já existiam em seus escritos de juventude.

Podemos afirmar que Gilberto Freyre antecipou, em mais de vinte anos, algumas das principais formulações utilizadas por Richard Morse no que diz respeito ao iberismo, e às tradições culturais advindas dos mundos espanhol e português. O norte americano, tem em *O Espelho de Próspero*, sua obra mais seminal, teve por objetivo traçar um paralelo entre as histórias das porções norte e sul do continente americano, com o claro objetivo claro de mostrar aos EUA que a parte do sul do continente tinha muito a ensiná-los, em termo de cultura e desenvolvimento social, uma vez que demonstra em suas páginas que a América Latina nunca foi atrasada, mas sim, fruto de uma opção cultura feita por Portugal e Espanha em fins da Idade Média. Publicado no México originalmente em 1982, no Brasil em 1988, e ainda sem publicação nos Estados Unidos, teve como um de seus grandes objetivos trazer um contraponto a história tradicional que colocava a América Latina em uma perspectiva atrasada, passando, assim, para uma visão positiva e como uma alternativa promissora ao mundo, e principalmente, a América do Norte.

Luiz Werneck Viana considera o livro uma original remontagem da história do continente americano, com ponto de partida a história das ideias e das diferentes culturas políticas que aqui se desenvolveram. O sentimento de comunidade, se deu, segundo Viana, através do transplante da opção ibérica para o solo norte americano, juntamente com os ideais de democratismo de Rousseau. Sendo assim, o tão difundido “atraso” da sociedade ibero-americana seria encarado como algo positivo pelo morador desta porção do continente, pois o mesmo, ao recusar o utilitarismo individualista, cresceriam sob uma utopia de justiça e integração social solidária, e isso seria positivo, uma vez que se afastaria dos controversos ideais liberais que dominavam a parte norte do continente¹⁵⁶. Se referindo a Morse, Vianna ressalta que:

Segundo este autor, a opção ibérica do moderno, com suas conotações organicistas e comunitárias, transplantada para o continente americano, teria criado uma cultura e uma mentalidade política oposta à da matriz do individualismo anglo-saxão. A opção ibérica enfatizaria um ideal rousseauiano de justiça e da vontade geral como instrumento político de construção de identidade e de emancipação em ‘países pequenos,

¹⁵⁵ BETHELL, Leslie. *O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica*. Revista Estudos Históricos, vol. 22, nº44. Rio de Janeiro, 2009. p. 313.

¹⁵⁶ VIANNA, Luis Werneck. Americanistas e Iberistas: A Polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos. In: *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. Vol. 34, nº2, 1991. p. 147.

notoriamente com regimes brutais e instituições imprestáveis, fatalmente expostos à dominação modernizante de potências estrangeiras¹⁵⁷.

Para Vianna, haveria um embate entre os “americanistas” e os “iberistas”, estes últimos representados por Morse, e por que não (uma vez que o mesmo não é abordado no texto) por Gilberto também. A grosso modo, iberistas veriam a transposição da cultura política portuguesa e espanhola para a América como uma coisa positiva, pois aqui se criou uma sociedade que se utiliza do “atraso” de forma positiva, como já citado anteriormente. Enquanto isso, americanistas seria aqueles que viam na transposição e manutenção da herança ibérica a razão para nosso fracasso frente sociedades europeias e a própria sociedade norte-americana, para o atraso econômico, o advento da escravidão, o coronelismo, dentre outros “males” que assolaram a sociedade ibero-americana, principalmente, o Brasil¹⁵⁸. Esta hipótese também está no texto a ser publicado por Beatriz Helena Domingues, que busca analisar, através desta categorização de Viana, os silenciamentos na obra de Morse de posicionamento freyreanos em seus textos de maturidade.¹⁵⁹

Ao contrário da maioria de seus críticos, Morse não se considerava uma vítima do olhar positivo ao extremo para a América Latina, ou, nas palavras de José Murilo de Carvalho, com um olhar “excessivamente pessimista de seu retrato de Próspero e como rósea demais sua descrição da civilização ibérica”¹⁶⁰. Era um eclético, interessado em pensar nas problemáticas de sua época, vendo o “terceiro mundo” como detentor de algo bom a ser mostrado para o resto do mundo:

Não sei se o futuro vai ser pacífico ou não. Se as populações da América Latina, da África ou da Ásia vão encontrar condições para construir ou fortalecer suas nações, com os mesmos modelos políticos e econômicos vigentes, que são os do século passado. O que é importante agora é estimular mudanças no campo das ideologias, trabalhar uma linguagem adequada e atual para falar dos problemas de hoje. [...] Acho que a América Latina teria condições para chegar a uma visão mais coerente de sua realidade. Gosto de comparar a América Latina de hoje com a Europa dos séculos XVII e XVIII,

¹⁵⁷ Idem, p. 146.

¹⁵⁸ Idem, p. 147.

¹⁵⁹ DOMINGUES, Beatriz Helena. A presença de Gilberto Freyre na obra de Richard Morse desde ensaios da juventude até os da maturidade. In: Richard Morse e História Intelectual no Brasil e nos Estados Unidos, Belo Horizonte: Fino Traço, 2014 (no prelo).

¹⁶⁰ CARVALHO, José Murilo de. Richard Morse e a América Latina: ser ou não ser. In: *Um americano intranquilo: homenagem a Richard Morse*. Editora CPDOC, 1992. p. 51.

procurando destacar não os achados dos grandes ideólogos, mas a maneira como eles construíram a sua própria condição¹⁶¹.

A América Latina é o ponto central que norteia o pensamento de Morse. O universo luso-brasileiro. As temáticas estão inseridas tanto nos artigos da juventude, quanto nos estudos clássicos de ambos. À luz da História Comparada, estas temáticas podem ser bastante profícuas se analisadas de forma isolada e aprofundada. Assim como a relação de ambos com a Literatura e os escritos literários.

Escritas em diferentes momentos da vida de cada um (na juventude de Morse e na maturidade de Freyre), a novela de Morse *The Narrowest Street*¹⁶², e as seminovelas de Freyre *Dona Sinhá e o Filho Padre*¹⁶³ e sua continuação *O Outro Amor do Doutor Paulo*¹⁶⁴ carecem de um olhar mais aprofundado, na seara dos romances sociológicos, como Freyre gostava de se referir a suas obras.

Como visto, diversos são os caminhos possíveis entre Freyre e Morse. Caminhos estes que podem se mostrar bastante profícuos quando investigados e aprofundados de forma específica. Acredito que a presente dissertação seja uma porta para que um ou mais caminhos possam ser explorados da forma que merecem, trazendo luz a duas mentes privilegiadas que um dia se propuseram a pensar a América e o Brasil, e construíram um legado que ainda se estenderá por muitos anos na historiografia.

¹⁶¹ SCALZO, Nilo; OTONDO, Tereza Montero. Richard Morse, a Unidade Cultural da América Latina. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15/10/1988. Ano VII, nº 430, p.6-7.

¹⁶² MORSE, Richard M. *The Narrowest Street*. Theatre Arts (Sept. 1945): 523-31.

¹⁶³ FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o Filho Padre*. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio/INL, 1971.

¹⁶⁴ FREYRE, Gilberto. *O Outro Amor do Doutor Paulo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

FONTES:

FREYRE, Gilberto. Agitação beneficiou as Letras e as Artes. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 20/02/1972, Suplemento Literário, p. 1.

_____. *Americanidade e Latinidade da América Latina e outros textos afins*. Brasília: Editora UnB – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

_____. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1947.

_____. *José de Alencar*. Editora Ministério da Educação e Saúde, Serviço de documentação, 1952.

_____. *Manifesto Regionalista*. 1952.

_____. *Região e Tradição*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1941

_____. *Social life in Brazil in the middle of the 19th century*. New York: Ed. Autor, 1922.

_____. *Vida Social no Brasil em meados do século XIX*. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais: Recife, 1964.

MORSE, Richard. Brazilian Modernism, *Hudson Review*. Vol. 3, n. 3, 1950.

_____. Cidades ‘periféricas’ como arenas culturais: Rússia, Áustria, América Latina. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro; FGV, v. 8, n.16, 1995.

_____. *Formação Histórica de São Paulo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

_____. São Paulo Since Independence: a cultural interpretation. *The Hispanic American Historical Review*. 1954.

_____. *The Narrowest Street*. Theatre Arts, 1945

_____. *The Negro in Sao Paulo*. Journal of Negro History, 1953.

_____. *A volta de McLunahaina – Cinco Estudos Solenes e uma Brincadeira Séria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALTAMIRANO, Carlos. *Ideias para um programa de História Intelectual*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 1. 2007.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de. *Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo: Ed. 34, 1994.

BAGGIO, Kátia Gerab. Iberismo, Hispanismo e Latino-Americanismo no Pensamento de Gilberto Freyre. *Revista Estudios Del ISHiR*. Argentina, Año 2, n.2, 2012.

BARROS, José Assumpção. História Comparada: da concepção de Marc Bloch a construção de um moderno campo historiográfico. *Revista de História Social*. Campinas, 2007.

BARBOSA, Rubens Antônio (Org.). *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos – 1945 a 2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. Cidades latino-americanas: aspectos da função e da estrutura. In: *Revista Geográfica*. T. 32, nº.58, 1963.

BETHEL, Leslie (org.). *A Cultural History of Latin America: Literature, Music and Visual Arts in the 19th and 20th Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. *Revista Estudos Históricos*, vol. 22, nº44. Rio de Janeiro, 2009.

BLASEINHEIM, Peter L; DOMINGUES, Beatriz H. *O Código Morse – Ensaio sobre Richard Morse*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

BLOCH, Marc. Pour une histoire comparée des sociétés européennes. *Revue de Synthèse Historique*. 6:15-50, 1928.

BOMENY, Helena. Uma Entrevista com Richard Morse. *Revista Estudos Históricos*: Rio de Janeiro, 1989.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; THEML, Neyde. História Comparada: Olhares Plurais. *Revista de História Comparada*. Volume 1, número 1, jun./2007.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales – A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.

CARDOSO, Fernando Henrique. Resenha de Richard M. Morse: *De comunidade a metrópole*: biografia de São Paulo, tradução de Maria Aparecida Madeira Kerbeg, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações culturais, S. Paulo, 1954. In: *Anhembi*, 1956.

CARVALHO, José Murilo. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. Richard Morse e a América Latina: ser ou não ser. In: *Um americano intranquilo*: homenagem a Richard Morse. Editora CPDOC, 1992.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. *Um americano na metrópole [latino-americana]: Richard Morse e a história cultural urbana de São Paulo*. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

DARTON, Robert. *O Beijo de Lamourette* – Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 112.

DOMINGUES, Beatriz Helena. A presença de Gilberto Freyre na obra de Richard Morse desde ensaios da juventude até os da maturidade. In: *Richard Morse e História Intelectual no Brasil e nos Estados Unidos*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014 (no prelo).

FERNANDES, Florestan. Resenha Bibliográfica de Richard M. Morse: *De comunidade a metrópole*: biografia de São Paulo, tradução de Maria Aparecida Madeira Kerbeg, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Serviço de Comemorações culturais, S. Paulo, 1954. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20/10/1956. Suplemento Literário, p.1.

FONSECA, Edson Nery. *Viagem em torno de Gilberto Freyre*. Disponível em: <bvfgf.org.br/português/vida/biografia>. Acesso em: 17/12/2012.

FREITAS, Marco Cezar (org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001.

INOSOJA, Joaquim. O movimento imaginário do Recife. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 25/06/1972. Suplemento Literário, p. 4.

JACKSON, Luiz Carlos. A Sociologia Paulista nas Revistas Especializadas (1940-1965). *Revista Tempo Social* – USP: São Paulo, 2004.

KASSAB, Álvaro. As muitas conexões do viajante que aportou em Apipucos. *Jornal da Unicamp*, 2004. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2004/ju265pag06.html>. Acesso em 07/07/2012.

LINS, Álvaro. Crítica a Região e Tradição. *Ciência & Trópico*. Recife, 8(1): 29-40, jan/jun, 1980.

- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia Brazilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.
- OLIVEIRA, Francine V. *Os intelectuais, cultura e política na São Paulo dos anos 30*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/12/artigo_1_Plural_12.pdf>. Acesso em 10/08/2011.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Gilberto Freyre e a Inglaterra: uma história de amor. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, 9(2): 13-38, 1997.
- PALTI, Jose Elias. *Giro Linguístico e História Intelectual*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1986.
- PAULA, Maria de Fátima C. A influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*: São Paulo, 2002.
- PONTES, Heloísa. Círculos de Intelectuais e Experiência Social. In: *Anais do XX Encontro da ANPOCS*: Caxambu, 1996.
- PONTUAL, Virgínia. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.21, nº 42, 2001.
- SANCHES, Rodrigo Ruiz. *Sérgio Buarque de Hollanda: a trajetória de um intelectual independente*. Tese de doutorado. Araraquara, 2007.
- SCALZO, Nilo; OTONDO, Tereza Montero. Richard Morse, a Unidade Cultural da América Latina. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15/10/1988. Ano VII, nº 430, p.6-7.
- SCHWARTZ, J. *Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SHIRTS, Matthew. Coincidências na rua mais estreita. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 05/03/1997, Caderno de Cidades, Linha superior, p. C2.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da História Intelectual – entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002.
- SORÁ, Gustavo. A construção Sociológica de uma posição Regionalista: reflexos sobre a edição e recepção de Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.13. n.36. São Paulo. 1998.
- TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- VAINFAS, Ronaldo. História Cultural e Historiografia Brasileira. *História: Questões e Debates*. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/histlitbras.pdf. Acesso em 23/10/2013.

VIANNA, Luis Werneck. Americanistas e Iberistas: A Polêmica de Oliveira Vianna com Tavares Bastos. *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. Vol. 34, nº2, 1991.

VIEIRA, Anco Márcio Tenório. O projeto Civilizatório do Regionalismo. *Revista Continente Multicultural*. Ano VI. Número 72, 2006.